

Marcelo Máximo Purificação | Elisângela Maura Catarino
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)

REFLEXÕES sobre a SOCIEDADE HUMANA:

Perspectiva Filosófica e Sociológica



Marcelo Máximo Purificação | Elisângela Maura Catarino
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)

REFLEXÕES sobre a SOCIEDADE HUMANA:

Perspectiva Filosófica e Sociológica



Atena
Editora
Ano 2024

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
 Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes
 Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do
 Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-
 Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Reflexões sobre a sociedade humana: perspectiva filosófica e sociológica 2

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Lucineide Maria de Lima Pessoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre a sociedade humana: perspectiva filosófica e sociológica 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Lucineide Maria de Lima Pessoni. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2314-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.140240703>

1. Filosofia. 2. Sociologia. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Pessoni, Lucineide Maria de Lima (Organizadora). IV. Título.

CDD 100

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.






Caros leitores, saudações.

Trazemos até vocês a Organização Reflexões sobre a Sociedade Humana: Perspectiva Filosófica e Sociológica, que intercrusa diálogos e reflexões no campo das ciências humanas a partir da lupa teórica e da Filosofia e da Sociologia. Organizada em seis capítulos teóricos, a obra sistematiza diálogos sobre estudos que emergem de pesquisa e práticas desenvolvidas no campo do ensino, pesquisa e da extensão. O primeiro capítulo, busca a filosofia de Rousseau quanto uma filosofia sociológica e Antropológica, tendo ciência de sua influência e colaboração ao longo dos séculos para a formação das ciências sociais. O capítulo dois, analisa a situação cultural dos estudantes perante os meios das tecnologias digitais, buscando novas formas de tratar a educação escolar com as tecnologias, utilizando a ética como reguladora para o projeto dar certo. O terceiro capítulo, aborda as categorias ético-normativas dentro da obra “Cur Deus homo” de Anselmo de Aosta. Partindo da noção de que categorias ético-filosóficas são conceitos ou ideias que são usadas para julgar o que é certo ou errado, bom ou mau dentro de uma obra filosófica, a partir de um raciocínio filosófico. O quarto capítulo, discorre acerca dos passos seguidos desde a percepção da possibilidade de implementação da experiência sem prejuízo ao programa e ementa regulamentar da disciplina até a apresentação dos resultados da pesquisa pelos estudantes envolvidos, chegando até a mencionar as repercussões dos aprendizados na vida acadêmica e profissional de dois estudantes. O quinto capítulo, apresenta algumas características da escola focando no seu aspecto social e por fim, no sexto capítulo, que reúne dados dos Pontos de Atendimento - PA de uma Singular do Cooperativismo de Crédito no Brasil, com o propósito de responder ao problema central da pesquisa: aplicabilidade da regra de Pareto, como estratégia de desenvolvimento dos PA's. De modo geral, os capítulos aqui apresentados refletem sobre a sociedade humana na perspectiva filosófica e sociológica. Dito isto, desejamos a todos uma boa leitura e boa reflexão.

Marcelo Máximo Purificação

Elisângela Maura Catarino

Lucineide Maria de Lima Pessoni

CAPÍTULO 1	1
JEAN JACQUES ROUSSEAU E SUA COLABORAÇÃO PARA FORMAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	
Reinaldo Freitas Soares Junior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1402407031	
CAPÍTULO 2	9
ASPECTOS RELEVANTES NA IDENTIFICAÇÃO DE QUESTÕES ÉTICO-NORMATIVAS NA OBRA “CUR DEUS HOMO” DE ANSELMO DE AOSTA	
Ana Paula Lhullier Moreira Pinto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1402407032	
CAPÍTULO 3	20
INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UMA EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA SOCIOLOGIA	
Breno Augusto Garcia Sales	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1402407033	
CAPÍTULO 4	29
CARTOGRAFAR A EXPERIÊNCIA: UM RELATO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOCIOLOGIA	
David Silva de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1402407034	
CAPÍTULO 5	43
LEI DOS POUCOS VITAIS APLICADA NO SISTEMA COOPERATIVISTA DE CRÉDITO: UMA ANÁLISE NOS PONTOS DE ATENDIMENTOS - PA'S	
Cleydner Marques de Magalhães Maurício	
Marcos Antônio Moreira Calheiros	
José Alex Tenório da Costa	
Ivaldo Pinto Barros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1402407035	
SOBRE OS ORGANIZADORES	54
ÍNDICE REMISSIVO	57

JEAN JACQUES ROUSSEAU E SUA COLABORAÇÃO PARA FORMAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Data de aceite: 01/03/2024

Reinaldo Freitas Soares Junior

Estudante do Curso de licenciatura em filosofia
UEMA

RESUMO: Jean Jacques Rousseau com sua filosofia colaborou com a produção do conhecimento, em diversos campos, para além do filosófico, mas também linguístico, sociológico, antropológico, político, como outros. Influenciou pesquisadores como um dos pais fundadores das ciências sociais Emile Durkheim, e da Antropologia Estrutural: Claude Lévi – Strauss. Para esses autores foi precursor da sociologia e etnologia, ciências que possuíram um papel fundamental na história das ciências sociais francesas. É focando em tal perspectiva que propusemos compreender como objeto de nossa pesquisa, a filosofia de Rousseau quanto uma filosofia sociológica e Antropológica, tendo ciência de sua influência e colaboração ao longo dos séculos para a formação das ciências sociais. Nossa metodologia foca-se em leituras das próprias obras do autor, assim, como também dos autores mencionados, os quais fizeram uso de sua filosofia para

desenvolver seus objetos de estudo. O autor do contrato social a ponta um dos fatos indispensáveis para a vida na sociedade moderna, ou seja, o contrato, o acordo entre homens, estabelecendo limites e possíveis regras para a base do convívio. Elemento do qual os autores da escola francesa discorreram com novos argumentos e análises da realidade social, seja nas sociedades “simples” ou “complexas” como denominavam os etnólogos da primeira geração da escola francesa.

PALAVRAS-CHAVE: Jean Jacques Rousseau. Filosofia. Sociologia. Antropologia. Conhecimento.

JEAN JACQUES ROUSSEAU AND HIS COLLABORATION FOR THE FORMATION OF THE SOCIAL SCIENCES

ABSTRACT: Jean Jacques Rousseau with his philosophy collaborated with the production of knowledge, in several fields, beyond the philosophical, but also linguistic, sociological, anthropological, political, as others. He influenced researchers such as one of the founding fathers of the social sciences Emile Durkheim, and of Structural Anthropology: Claude Lévi – Strauss.

For these authors, he was a precursor of sociology and ethnology, sciences that played a fundamental role in the history of French social sciences. It is by focusing on such a perspective that we proposed to understand as the object of our research, Rousseau's philosophy as a sociological and anthropological philosophy, being aware of its influence and collaboration over the centuries for the formation of the social sciences. Our methodology focuses on readings of the author's own works, as well as the aforementioned authors, who made use of his philosophy to develop their objects of study. The author of the social contract points out one of the indispensable facts for life in modern society, that is, the contract, the agreement between men, establishing limits and possible rules for the basis of coexistence. Element on which the authors of the French school discussed with new arguments and analyzes of social reality, whether in "simple" or "complex" societies, as the ethnologists of the first generation of the French school called it.

KEYWORDS: Jean Jacques Rousseau. Philosophy. Sociology. Anthropology. Knowledge.

INTRODUÇÃO

Jean Jaques Rousseau enquanto precursor ou formador das ciências sociais, possibilitou problemas e reflexões filosóficas que colaboraram para formação de objetos de pesquisas. Ideias centrais para compreensão da formação da sociedade civil, como em o contrato social, o acordo necessário para que os homens possam cooperar entre eles. Assim como estudos do homem, embora a reflexão tenha partido de si, mas foi importante para formação da etnologia, ciência chave para produção do conhecimento antropológico.

É a partir desses conhecimentos que a proposta de nosso trabalho é apresentar o filósofo francês como um precursor na formação das ciências sociais. Com a formação de uma filosofia sociológica e uma antropologia filosófica. A primeira está centrada em suas contribuições para formação da sociologia, sendo que um dos pais fundadores das ciências sociais atribui a Rousseau como um dos precursores na formação da sociologia.

Emile Durkheim um dos 'pais' da escola francesa de sociológica atribui a Rousseau um dos filósofos que pensou as prováveis ideias que deram origem a formação da sociedade. O interesse do sociólogo pelas abordagens do filósofo francês não são por acaso, sendo que a sociedade é o principal tema e objeto de estudo de suas pesquisas.

Já no que diz respeito a uma antropologia filosófica, nossos estudos centram-se nas análises do Antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. Que atribui o filósofo como criador da etnologia, uma das disciplinas e recurso metodológico que colabora até os dias atuais para o estudo do outro e em alguns casos de si mesmo. Assim como, as diversidades culturais, com a formação de um olhar desprendido de preconceitos, relativizando fatos e não tomando suas ideias quanto centrais.

A SOCIOLOGIA DE ROUSSEAU

Quando atribuímos a Rousseau uma filosofia sociológica, no que diz respeito

a construção das ciências sociais, reside no fato de que, quando o filósofo propõe uma reflexão a partir de suas especulações da possível origem da sociedade civil. Ele busca mostrar um motivo, uma razão a que leva os homens a viverem juntos. Que para o mesmo inicia com o surgimento da propriedade privada.

O primeiro que, tendo cercado um terreno, ousou dizer *Isto é meu* e encontrou pessoas suficientemente simplórias para lhe dar crédito foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassinatos, quantas misérias e horrores teriam poupado o gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tampando o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: "Evitai escutar esse impostor; estareis perdidos se esqueceres que os frutos são de todos e que a terra não é de ninguém!" (ROUSSEAU 1973, p. 265).

Não é por acaso que Hobsbawm (1996. P. 44) em seu texto sobre *A revolução francesa*, quando menciona o ideal de igualdade dos cidadãos apresenta o nome de Rousseau como sinônimo do mesmo. Por ter percebido das ideias do filósofo o quanto foram significativas para o período que antecedeu a queda da Bastilha. Não apenas no trecho acima, sobre *A origem das desigualdades* (1973), mas em outras obras, percebemos a insatisfação do autor com a sociedade civil. E como o surgimento da mesma tirou a liberdade do homem.

No entanto, o filósofo revela por meio de suas análises as possíveis condições que levaram os homens a vida social. Tendo ciência que a formação social não teve origem a partir de um estalar de dedos ou mesmo de uma tacada só, mas houve elementos que dispuseram o mesmo, ao desenvolvimento do trabalho que a princípio era realizado por um único indivíduo, ou por poucos, que realizavam entre si intercâmbios simples, porém, com o tempo essa condição não foi mais possível. Justamente pela necessidade do outro, seja para socorrer ou porque um dispõe de mais provisões que outro, que leva a introdução da propriedade, segundo Rousseau (1973,), fazendo o trabalho ser necessário e acabando com a igualdade que havia entre os homens.

Não deixando de recordar que o trabalho é um tema central nas obras dos pais fundadores da sociologia. Tanto em Marx quanto Durkheim, em um está relacionado a função transformadora da natureza e elemento indispensável para a compreensão dos meios de produção. Como enfatizado em *O Capital* (1988) já no segundo as relações de trabalho de simples tornam-se complexas gerando interdependência de funções nas sociedades industriais como é referido na *Divisão do trabalho social* (2010).

Para Rousseau a racionalidade se deu a partir do surgimento da agricultura, do manuseio do ferro e conseqüentemente do desenvolvimento da metalurgia. Fatores que levaram o homem a se fixar e aperfeiçoar suas técnicas e que foram centrais para o surgimento da sociedade civil.

Quanto mais o espírito se esclarecia, mais a indústria se aperfeiçoava. Em pouco tempo, deixando de dormir sobre a primeira árvore, ou de se refugiar em cavernas, ele encontrou algumas espécies de machados de pedras duras

e afiadas que serviram para cortar madeira, escavar a terra, e fazer cabanas de folhagens que em seguida logo foram entremeadas de argila e de lama. Essa foi a época de uma primeira revolução, consolidou o estabelecimento e a distinção das famílias e que produziu uma espécie de propriedade (MARCONDES apud ROUSSEAU, 2007, p. 96).

À medida que se tornavam mais complexas as relações entre os homens, isso proporcionou o aperfeiçoamento do trabalho. Assim como, uma maior concentração de indivíduos em determinada localidade. No entanto, não é suficiente para manter os mesmos unidos é preciso um acordo que venha se estabelecer entre os mesmos. Pois tal fato, já questionado pelo filósofo do contrato desde sua reflexão sobre o estado de natureza.

Suponhamos os homens chegando àquele ponto em que os obstáculos prejudiciais à sua conservação no estado de natureza sobrepujam, pela sua resistência, as forças de que cada indivíduo dispõe para manter-se nesse estado primitivo já não pode substituir, o gênero humano, se não mudasse de modo de vida, pereceria (ROUSSEAU, 1973, p. 37).

É notório que o grau de complexidade das relações que começam a surgir, não permitem mais que o homem possa viver como anteriormente. Dai o que leva a buscar de elaborar o contrato social, que embora restrinja a liberdade que possivelmente o homem natural gozava, porém, possibilita uma associação entre os membros para que conserve a existência dos mesmos.

Durkheim (2008) concorda com Rousseau que a sociedade é artificial, pelo fato de ser construída pelo homem. E que a própria existência e permanência da mesma é fruto de um acordo entre os homens que possui o desenvolvimento, a partir de necessidades construídas e não inatas, já apontadas pelo filósofo quando afirma que a família é um exemplo de sociedade natural, porém, alguns dos membros não necessariamente estão presos no sentido de perpetuar nela:

A mais antiga de todas as sociedades, e a única natural, é da família; ainda assim só se prendem os filhos ao pai enquanto dele necessitam para a própria conservação. Desde que tal necessidade cessa, desfaz-se o limite natural. Os filhos, isentos da obediência que devem ao pai, e este, isento dos cuidados que deve aos filhos, voltam todos a ser igualmente independentes. Se continuam unidos, já não é natural, mas voluntariamente, e a própria família só se mantém por conversão (ROUSSEAU, 1973, p. 29).

É em tal pressuposto que se afirma a ideia da gênese da sociedade, inclusive a própria conclusão de sua artificialidade, na qual Durkheim faz a seguinte consideração em relação a Rousseau:

Mas ainda há uma outra razão para dizer que a sociedade não é natural. Ela é artificial em um grau ainda mais alto. Não apenas essa interdependência,

que é a primeira causa motora da evolução social, não se funda na natureza humana, como até mesmo quando existe não é suficiente em si mesma para fazer sociedades. A essa base original, que já é um produto da arte humana, deve-se acrescentar algo mais, que tenha a mesma origem. Até que esse comercio seja organizado de maneira definitiva, ele constitui uma sociedade. Carece da "ligação entre as partes, que constitui o todo" (*Manuscritos de Genebra*, ed. Dreyfus, cap. II, p. 248). (DURKHEIM, 208, p. 90).

Durkheim aponta que a interdependência não é o único fator para o surgimento da sociedade civil, ainda assim, o mesmo reconhece a importância dessa afirmação rousseauiana:

A primeira violação da lei da natureza levou a uma segunda. Quando os homens se tornaram desiguais, ficaram dependentes uns dos outros. Consequentemente, a sociedade é composta de mestres, em certo sentido, são escravos daqueles que dominam (DURKHEIM, 2008, p. 94).

Ambos os pensadores concordam, que essa interdependência que passa a existir entre os homens é capital para o surgimento da sociedade. No entanto, para Rousseau muitas das necessidades construídas são nocivas aos mesmos, já para Durkheim a socialização é um ponto chave, sendo assim, até questões como de suicídio são pertinentes para compreensão da socialização e desenvolvimento da interação social.

A problemática inicial de Durkheim ressalta as questões postas pelo processo que, permitindo a individuação, assegura a coesão social própria à forma moderna de solidariedade. Esta interrogação o conduz a elaborar, tanto em Da divisão do trabalho social como em O suicídio, uma teoria que se pode definir como teoria da socialização (STEINER, 2016, p.75).

É claro que na análise do sociólogo francês, esse construiu categorias para compreensão da sociedade moderna, na qual já havia um individualismo consequente das modernas relações de trabalho, construídas pelo processo de industrialização. A interdependência das funções é apontada como algo necessário, para inclusive a sociedade ser coesa. Enquanto para Rousseau o individualismo "positivo" é o que proporciona seu livre arbítrio, no momento em que surgiu esse tipo de dependência o homem condenou sua liberdade.

Enquanto os homens se contentaram com suas cabanas rústicas, enquanto se limitaram a costurar suas roupas de peles com espinhos de peixe, a se enfeitar com plumas e conchas, a pintar o corpo de diversas cores, a aperfeiçoar ou embelezar seus arcos e suas flechas, a modelar com pedras afiadas algumas canoas de pescadores ou alguns grosseiros instrumentos musicais; em suma, enquanto só se dedicaram a trabalhos que só um podia fazer, e a ofícios que não precisavam da colaboração de muitas mãos, eles viveram livres, saudáveis, bons e felizes na medida em que o podiam ser por sua natureza, continuando a gozar entre si das delicias de um intercâmbio independente; mas, a partir do momento em que era útil a um único homem ter provisões para dois, a igualdade desapareceu, a propriedade se introduziu, o trabalho se tornou necessário e as vastas florestas viraram campos risonhos que era preciso regar com o suor dos homens, e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinar e crescer junto com as colheitas (MARCONDES, apud ROUSSEAU, 2007, p. 97).

A ANTROPOLOGIA DE ROUSSEAU

Enquanto a possível ideia de uma filosofia antropológica de Jean-Jacques Rousseau está centrada na referência de autores como Danilo Marcondes (2007), Reale (2007) e Claude Lévi-Strauss (2013), que em seus textos afirmam que há uma concepção de natureza humana, se apresentando como elemento central do objeto de estudo do filósofo e esse também é a temática que perdura na antropologia. Embora que esse estado de natureza humano esteja relacionado a sua compreensão política da época.

O antropólogo francês pai da antropologia estrutural afirma que Rousseau é o criador da etnografia recurso utilizado para construção de dados de pesquisa para análise de uma sociedade, grupo e mesmo o homem.

Rousseau não apenas previu a etnologia, ele fundou-a. Primeiro em termos práticos, ao escrever esses *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, que coloca a questão das relações entre a natureza e a cultura, e que podemos considerar o primeiro tratado de etnologia geral. Em seguida, no plano teórico, ao distinguir com memorável clareza a concisão, o objeto próprio do etnógrafo, dos moralistas e do historiador: “Para estudar os homens, deve-se olhar perto de si; mas, para estudar o homem, é preciso apender a dirigir o olhar para longe; é preciso primeiro observar as diferenças, para descobrir as propriedades” (LÉVI-STRAUSS apud ROUSSEAU, 2013, p. 47).

Lévi-Strauss não apenas demonstra como Rousseau cria o objeto de estudo da etnologia, mas revela também o que diferencia a mesma de outros saberes já utilizados pelo homem. Isso porque é preciso recordar que quando a antropologia e conseqüentemente a etnologia, que a propósito era comum na França, o segundo termo, sendo que a nomenclatura antropologia era mais comum entre os ingleses e nos Estados Unidos. Sua preocupação era o estudo do outro, das sociedades classificadas na época como simples ou primitivas. Rousseau é apontado pelo antropólogo como criador da etnologia, por ser o primeiro a realizar esse tipo de estudos enquanto método de compreensão de sociedade e do próprio homem.

A terra inteira está coberta de nações das quais apenas sabemos os nomes, e nos intrometemos a julgar o gênero humano! Suponhamos que homens da parte de Montesquieu, de um Buffon, de um Diderot, de um D'Alembert, de um Condillac, viajando para instruir seus compatriotas, observando e descrevendo, como sabem fazer, a Turquia, o Egito, a Berbéria, o império do Marrocos, a Guiné, o país dos Cafres, o interior da África e suas costas orientais, as Malabares (...), viagens a mais importante de todas e que seria preciso fazer com muito cuidado, suponhamos que esses novos Hércules retornando dessas memoráveis perambulações, em seguida fizessem à vontade história natural, moral e política do que teriam visto, nós mesmos viríamos surgir de seus escritos um mundo novo e aprenderíamos assim a conhecer o nosso (...) (LÉVI-STRAUSS apud ROUSSEAU, 2013, p. 46).

Uma das principais atividades dos antropólogos e etnólogos consiste em ir a uma terra alheia, aprender seus idiomas e costumes. E a partir da coleta dessas informações registradas em um diário de campo, o mesmo irá analisar e comparar costumes de uma sociedade a outra. Aspectos culturais indispensáveis para formação de identidades e mesmo singularidades sociais.

É a etnologia contemporânea, seus programas e seus métodos, que vemos delinear-se aí, ao mesmo tempo que os nomes ilustres mencionados por Rousseau continuam sendo os mesmos que os etnógrafos de hoje têm como modelo, sem pretenderem igualá-los, mas convencidos de que os etnógrafos de hoje têm como modelo, sem pretenderem igualá-los, mas convencidos de que somente se seguirem seus exemplos conseguirão fazer com que sua ciência seja merecedora do respeito que lhe foi por muito tempo negado. (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 46).

Lévi-Strauss afirma que não houve mudança no que diz respeito ao objeto principal da etnologia desde Rousseau, assim como, o meio para obtenção de dados também. O filósofo parte do seu eu para fazer suas análises acerca do homem natural, mesmo já com informações de missionários e pensadores que viajaram em outras partes do globo até no novo continente. Para o filósofo, partir de si é o caminho apontado para o estudo do outro.

A cada vez que está em campo, o etnólogo se vê à mercê de um mundo em que tudo lhe é estranho, quando não hostil. Ele tem apenas o eu, a seu dispor, para permitir que sobreviva e faça sua pesquisa, mas um eu fisicamente e moralmente mortificado pelo cansaço, pela fome, o desconforto, a afronta a hábitos adquiridos, o surgimento de preconceitos de que ele nem suspeitava, e que descobre a si mesmo, nessa conjuntura estranha... (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 47- 48).

O pai da antropologia estrutural nesta análise percebe que todo antropólogo ao estudar o outro, acaba passando por um processo de se conhecer mais, ou seja, de conhecer um eu que acaba sendo como um outro eu, que o mesmo desconhecia. Por isso Lévi-Strauss (2013, p. 48) diz que toda carreira de etnógrafo é marcada por “confissões”, recurso também utilizado por filósofos.

CONSIDERAÇÕES

Os clássicos não são denominados por acaso, pois esta classificação é uma conquista pelos seus feitos. É possível constatar como Rousseau foi e ainda é importante não apenas para a filosofia ou ciências sociais, mas para toda forma de saber que perpassa por todos os temas abordados pelo filósofo.

As escolas francesas, tanto de sociologia quanto etnologia fizeram bom uso das ideias do filósofo do *Contrato social* (1973) mesmo as referentes a uma possível gênese da sociedade civil, como de uma disciplina ou área do saber humano como a etnologia. Suas obras foram capitais não apenas como princípio para desenvolvimento de teorias, mas também para a crítica e o debate atual de questões que prevalecem como apontadas pelo antropólogo contemporâneo Claude Lévi-Strauss (2013).

A interdependência tema central na compreensão da sociedade civil, e nos estudos de Émile Durkheim. Que aponta o filósofo como precursor da sociologia. Toma as ideias do mesmo como fonte para compreensão não somente do surgimento da sociedade, mas da sociedade de sua época também, a partir da análise do *Contrato social* (1973).

Se nas sociedades atuais as relações fundamentais do estado de natureza foram perturbadas, é porque a igualdade primitiva foi substituída por desigualdades artificiais e, como resultado, os homens se tornaram dependentes uns dos outros. (DURKHEIM, 2008, p.100)

Durkheim entende que a sociedade, inclusive a que ele se encontrava, é artificial e em oposição ao estado de natureza, as desigualdades, e necessidades, também são artificiais. Por serem construídas pelos próprios homens, por esse motivo isso acaba por levar o roubo da liberdade a qual o homem gozava no estado de natureza, segundo Rousseau.

Tanto Durkheim quanto Lévi-Strauss vêm em Rousseau a compreensão de elementos como, o trabalho, a racionalidade, o progresso, que embora criticados e vistos como nocivos ao homem pelo filósofo, são centrais para entender e explicar a sociedade moderna e mesmo contemporânea.

REFERÊNCIAS

- DURKHEIM, Émile. **Montesquieu e Rousseau: Pioneiros da Sociologia** – São Paulo: Madras, 2008.
- _____. **Da divisão do trabalho social** – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2010. – (Biblioteca do pensamento moderno).
- HOBSBAWM, Eric. J. **A revolução francesa** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 – (coleção leitura).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**, São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MARCONDES, Danilo. **Rousseau, Discurso sobre a desigualdade. A origem da sociedade - Textos Básicos de filosofia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007 2.ed.
- _____. **Iniciação à História da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein** – 11ª ed.rev. e ampliada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- MARX, Karl. **O Capital. Crítica da economia política** - 3. Ed. – São Paulo: Nova Cultura, 1988 (Os economistas).
- REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Do Humanismo a Kant** – São Paulo: Paulos, 8ª edição, 2007.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens**. Abril Cultural – São Paulo 1973 (coleção pensadores).
- _____. **Do contrato social**. Abril Cultural – São Paulo 1973 (coleção pensadores).
- STEINER, Philippe. **A sociologia de Durkheim** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Coleção Sociologia: Pontos de Referência).

ASPECTOS RELEVANTES NA IDENTIFICAÇÃO DE QUESTÕES ÉTICO-NORMATIVAS NA OBRA “CUR DEUS HOMO” DE ANSELMO DE AOSTA

Data de aceite: 01/03/2024

Ana Paula Lhullier Moreira Pinto

RESUMO: Analisando a problemática de um universo medieval, onde o principal referencial era o religioso, encontramos o dilema primordial daquele tempo: o debate entre a fé e a razão. Anselmo de Aosta acredita que é preciso “crer para compreender” e a partir desta concepção, pressupõe-se que o autor hierarquizava a fé acima da razão. Anselmo trabalhava com a dialética, portanto, mesmo buscando um discurso filosófico cuja base fosse a fé, sua argumentação foi construída em cima de argumentos lógico-rationais. Embora a obra "Cur Deus Homo" seja principalmente uma obra teológica, Anselmo aborda algumas questões éticas, como obrigações morais, justiça, misericórdia e humildade, que são relevantes para a compreensão da relação entre Deus e a humanidade e para a busca da salvação (Teoria Soteriológica). No presente trabalho, a partir da obra “Cur Deus Homo”, buscamos identificar alguns aspectos relevantes que envolvem a presença destas categorias éticas na argumentação utilizada por Anselmo, com o objetivo de investigar, num segundo

momento como estas categorias se fazem presentes na argumentação de Anselmo acerca da Teoria da Expição, a partir de ênfase nas questões ético-normativas.

PALAVRAS-CHAVE: filosofia, ética, categoria, normas

ABSTRACT: Analyzing the problems of a medieval universe, where the main reference was religious, we find the primordial dilemma of that time: the debate between faith and reason. Anselmo de Aosta believes that it is necessary to “believe to understand” and from this conception, it is assumed that the author ranked faith above reason. Anselmo worked with dialectics, therefore, even though he was seeking a philosophical discourse whose basis was faith, his argument was built on logical-rational arguments. Although the work "Cur Deus Homo" is primarily a theological work, Anselm addresses some ethical issues, such as moral obligations, justice, mercy and humility, which are relevant to understanding the relationship between God and humanity and the search for salvation (Soteriological Theory). In the present work, based on the work “Cur Deus Homo”, we seek to identify some relevant aspects that involve the presence of these ethical categories in the

argumentation used by Anselmo, with the aim of investigating, in a second moment, how these categories are present in the argumentation of Anselmo about the Theory of Atonement, based on an emphasis on ethical-normative issues.

KEYWORDS: philosophy, ethics, category, standards

No presente trabalho temos o fito de abordar as categorias ético-normativas dentro da obra “*Cur Deus homo*” de Anselmo de Aosta.

Partindo da noção de que categorias ético-filosóficas são conceitos ou ideias que são usadas para julgar o que é certo ou errado, bom ou mau dentro de uma obra filosófica, a partir de um raciocínio filosófico.

As categorias filosóficas ético-normativas presentes na obra “*Cur Deus homo*” estão separadas em: OBRIGAÇÕES MORAIS, JUSTIÇA, MISERICÓRDIA e HUMILDADE.

Essas categorias são relevantes para a discussão sobre a justiça e a relação entre Deus e a humanidade, e para a busca da salvação e o seu estudo, conduz ao aprofundamento das definições de virtude, uma vez que, o conceito de virtude é subjacente à argumentação de Anselmo de Aosta, no que diz respeito à justiça, humildade, misericórdia e às obrigações morais. É preciso compreender que dentro das concepções de virtude estão as categorias ético-normativas e que as virtudes estão em ação no plano da salvação.

Santo Anselmo de Aosta foi um italiano que nasceu no ano de 1033, em Aosta, no norte da Itália e morreu em 1109. Esse monge beneditino, foi estudar dialética com Lanfranco (com o qual teve muitas discordâncias). Lanfranco era prior de uma abadia em Bec, hoje Normandia. Anselmo viveu nesta abadia por 33 anos, 3 anos como monge, 15 anos como prior e 15 anos como abade. Ao estudarmos a obra de Anselmo, é importante, em primeiro lugar, que busquemos entender a problemática de um universo medieval, onde o principal referencial era religioso, onde o dilema maior era o debate entre fé e razão. O mundo era teocêntrico, onde a prática da religião era mais que um ato religioso, era um ato social obrigatório, a fé acabou se constituindo em objeto de reflexão filosófica, porque o sentido da vida era uma questão filosófica e teológica, ao lado da questão da dor e do sofrimento do homem. O Doutor Magnífico acreditava que era preciso “crer para compreender” e a partir desta concepção, pressupõe-se que Santo Anselmo hierarquizava a fé acima da razão. Até o século XII, o principal referencial teórico para estudar filosofia era a Lógica, a chamada Dialética pelos medievais, a qual era uma disciplina fundamental na busca da verdade, e a Metafísica, vai ser tratada com categorias lógicas. O Doutor Magnífico, trabalhava com a Dialética, portanto, mesmo buscando um discurso filosófico cuja base fosse a fé, sua argumentação foi construída sobre argumentos lógico -racionais, pretendendo sempre, mostrar a clareza da razão em si mesma, usando somente a força dos argumentos e sem nunca se contrapor a autoridade dos Padres ou às Sagradas Escrituras.

Agarantia da abstração, na visão de Santo Anselmo, é a fé que atinge os fundamentos racionais indissociados dessa mesma fé, onde o encadeamento das razões necessárias visa levar à clareza da verdade sem se contrapor às verdades da fé.

O estudo das categorias filosóficas, na Idade Média está diretamente ligado à dialética, que era entendida como um esforço racional para chegar à verdade, separando o certo do errado, o verdadeiro do falso, por isso estudava as categorias, a interpretação das Escrituras e os comentários de Boécio à Aristóteles.

A autoridade na Idade Média vinha dos Padres, por isso Santo Anselmo buscava conformar o discurso racional com as Escrituras, procurando mostrar que a argumentação lógica, deve ter mais força para provar suas teorias, através do encadeamento das razões necessárias, mais do que a Sagrada Escritura, uma vez que esta, por ser revelada, não está sujeita a erros. A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus, está ligada à eternidade do homem, age através do intelecto sobre a vontade. É Graça Divina e compreende toda a verdade e toda a justiça.

O projeto filosófico anselmiano, baseava-se na meditação sobre as razões da fé, onde a fé era tomada como fonte de especulação racional. Santo Anselmo acreditava que usar a razão para tratar da fé, tinha dois objetivos: trazer satisfação intelectual e um objetivo apologético, ou seja, defender a fé contra os que não tem fé. Foi com esse intuito, defender a fé contra aqueles que não tem fé, que Anselmo de Aosta escreve as suas obras, entre elas o “*Cur Deus homo*”, “*Por que Deus se fez Homem*”.

No “*Cur Deus homo*”, Santo Anselmo faz a análise de uma questão teológica, um dogma de fé, a qual se refere ao mistério da encarnação da segunda pessoa da Trindade, Jesus Cristo.

Anselmo de Aosta ao fazer uso do método “*Sola Ratione*”, e esse método revela o caráter mais marcante em sua obra, coloca essa maneira de trabalhar com as questões filosóficas, como um sinônimo de “só com a dialética”. Esse caráter mais marcante na obra do Doutor Magnífico, ou seja, o método e não o tema de seu trabalho intelectual, o qual aparece como um esforço que exige preparo, está presente na obra “*Cur Deus homo*”. O Método “*Sola Ratione*”, foi uma resposta filosófica ao contexto em que estava inserido. As bases de Anselmo foram o Aristóteles da lógica e Santo Agostinho.

Para Anselmo uma argumentação dialética é o mesmo que uma argumentação lógica e o Doutor Magnífico entende que para compreender a racionalidade divina é preciso ajuda divina porque o “o pecado original” obscureceu a razão humana, como também afetou a capacidade intelectual do homem.

A adequada preparação, a qual Santo Anselmo faz referência, para tratar das questões de fé, consistia em conhecer o Trivium, ou seja, a dialética, a retórica e a gramática. E também era preciso contar com a ajuda divina, que é um dom gratuito.

Anselmo escreveu o “*Cur Deus Homo*” nos últimos anos da sua vida e também o seu apêndice, “*De concepto virginal*”.

O “*Cur Deus homo*” é a terceira obra mais célebre de Anselmo. O tema da obra é a Encarnação do Verbo.

Existem três considerações sobre o tema dessa obra:

1ª) Deus criou o mundo bom. Gn1, 1-24. Metafísica criacionista do Gênesis.

¹No princípio, Deus criou o céu e a terra. ²Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas.

³Deus disse: "Haja luz", e houve luz. ⁴Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. ⁵Deus chamou a luz "dia" e às trevas "noite". Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia.

⁶Deus disse: "Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas", e assim se fez. ⁷Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento, ⁸de Deus chamou ao firmamento "céu". Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia.

⁹Deus disse: "Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o continente", e assim se fez. ¹⁰Deus chamou ao continente "terra" e à massa das águas "mares", e Deus viu que isso era bom.

¹¹Deus disse: "Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo a sua espécie, frutos contendo sua semente", e assim se fez. ¹²A terra produziu verdura: ervas que dão semente segundo sua espécie, árvores que dão, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente, e Deus viu que isso era bom. ¹³Houve uma tarde e uma manhã: terceiro dia.

¹⁴Deus disse: "Que haja luzeiros no firmamento do céu para separar o dia e a noite; que eles sirvam de sinais, tanto para as festas quanto para os dias e os anos; ¹⁵que sejam luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra", e assim se fez. ¹⁶Deus fez os dois luzeiros maiores: o grande luzeiro como poder do dia e o pequeno luzeiro como poder da noite, e as estrelas. ¹⁷Deus os colocou no firmamento do céu para iluminar a terra, ¹⁸para comandar o dia e a noite, para separar a luz das trevas, e Deus viu que isso era bom. ¹⁹Houve uma tarde e uma manhã: quarto dia.

²⁰Deus disse: "Fertilhem as águas um fertilhar de seres vivos e que as aves voem acima da terra, sob o firmamento do céu", e assim se fez. ²¹Deus criou as grandes serpentes do mar e todos os seres vivos que rastejam e que fertilham nas águas segundo sua espécie, e as aves aladas segundo sua espécie, e Deus viu que isso era bom. ²²Deus os abençoou e disse: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a água dos mares, e que as aves se multipliquem sobre a terra". ²³Houve uma tarde e uma manhã: quinto dia.

²⁴Deus disse: "Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie", e assim se fez. ²⁵Deus fez as feras segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis do solo segundo sua espécie", e Deus viu que isso era bom.

2º) A origem do mal. Gn 3, 1-24

¹A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que Iahweh Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?” ²A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. ³Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte.” ⁴A serpente então disse à mulher: “Não, não morreréis! ⁵Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.” ⁶A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também ao seu marido, que com ela estava, e ele comeu. ⁷Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram.

⁸Eles ouviram o passo de Iahweh Deus que passeava no jardim à brisa do dia e o homem e sua mulher se esconderam da presença de Iahweh Deus, entre as árvores do jardim. ⁹Iahweh Deus chamou o homem: “Onde estás?” disse ele. ¹⁰“Ouvi teu passo no jardim,” respondeu o homem; “tive medo porque estou nu e me escondi.” ¹¹Ele retomou: “E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!” ¹²O homem respondeu: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!” ¹³Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizeste?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi.”

¹⁴Então Iahweh Deus disse à serpente:

“Porque fizeste isso
és maldita entre todos os animais domésticos
e todas as feras selvagens.

Caminharás sobre o teu ventre
e comerás poeira
todos os dias de tua vida.

¹⁵Porei hostilidade entre ti e a mulher,
entre tua linhagem e a dela.

Ela te esmagará a cabeça
e tu lhe ferirás o calcanhar.”

¹⁶À mulher ele disse:

“Multiplicarei as dores de tuas gravidezes,
na dor darás à luz filhos.

Teu desejo te impelirá ao teu marido
e ele te dominará”.

¹⁷Ao homem, ele disse:

“Porque escutaste a voz de tua mulher
e comeste da árvore que eu te proibira comer,

maldito é o solo por causa de ti!

Com sofrimentos dele te nutrirás

todos os dias de tua vida.

¹⁸Ele produzirá para ti espinhos e cardos,

e comerás a erva dos campos.

¹⁹Com o suor do teu rosto

comerás teu pão

até que retournes ao solo,

pois dele foste tirado.

Pois tu és pó

e ao pó tornarás."

²⁰O homem chamou sua mulher "Eva", por ser mãe de todos os viventes.

²¹Iahweh Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele, e os vestiu.

²²Depois disse Iahweh Deus: "Se o homem já é como um de nós, versado no bem e no mal, que agora ele não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre!" ²³E Iahweh Deus o expulsou do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado. ²⁴Ele baniu o homem e colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida.

3) O nascimento de Jesus. Jo 1,1-18. O verbo se fez carne para salvar-nos reconciliando-nos com Deus.

¹No princípio era o Verbo

e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

²No princípio, ele estava com Deus.

³Tudo foi feito por meio dele

e sem ele nada foi feito.

⁴O que foi feito nele era a vida,

e a vida era a luz dos homens;

⁵e a luz brilha nas trevas,

mas as trevas não a apreenderam.

⁶Houve um homem enviado por Deus.

Seu nome era João.

⁷Este veio como testemunha,

para dar testemunho da luz,

a fim de que todos cressem por meio dele.

⁸Ele não era a luz,
mas veio para dar testemunho da luz.

⁹Ele era a luz verdadeira
que ilumina todo o homem;
ele vinha ao mundo.

¹⁰Ele estava no mundo
e o mundo foi feito por meio dele,
mas o mundo não o reconheceu.

¹¹Veio para o que era seu
e os seus não o receberam.

¹²Mas a todos que o receberam
deu o poder
de se tornarem filhos de Deus:
aos que creem em seu nome,

¹³eles que não foram
gerados nem do sangue,
nem de uma vontade de carne,
nem de uma vontade do homem,
mas de Deus.

¹⁴E o Verbo se fez carne,
e habitou entre nós,
e nós vimos a sua glória,
glória que ele tem junto ao Pai
como Filho único,
cheio de graça e de verdade.

¹⁵João dá testemunho dele e clama:
"Este é aquele de quem eu disse:
o que vem depois de mim
passou adiante de mim,
porque existia antes de mim".

¹⁶Pois de sua plenitude

todos nós recebemos
graça por graça.
¹⁷Porque a Lei foi dada
por meio de Moisés;
a graça e a verdade
vieram por Jesus Cristo.
¹⁸Ninguém jamais viu a Deus:
o Filho unigênito,
que está no seio do Pai,
este o deu a conhecer.

Depois de participar do concílio em Bari, no ano de 1098, Anselmo foi residir em Libéri, um vilarejo nos arredores da cidade italiana de Cápua, com o intuito de retirar-se para continuar a escrever a obra *“Cur Deus homo”*. Na referida obra, Santo Anselmo trata do problema da redenção, usando o método *“Sola Ratione”* para explicar àqueles que não conheciam a Jesus de Nazaré e que nunca teriam lido o Novo Testamento, com um olhar dirigido, na realidade daquela época, aos Judeus e Muçulmanos. O Doutor Magnífico tinha a preocupação de explicar a esses povos, por meio de argumentos racionais, independentes da fé de cada povo, a Racionalidade da Encarnação do Homem-Deus e seu papel redentor, bem como a necessidade da Doutrina da Expição.

Anselmo argumentava que a fé não era irracional, mas sim que a razão poderia ajudar a elucidar e fortalecer as crenças religiosas. Ele defendia que a fé e a razão eram aliadas e não inimigas, e que a razão poderia levar a uma compreensão mais profunda e fundamentada em Deus. Para isso é preciso uma argumentação lógica, baseada na firmeza, na fé e no domínio da dialética, segundo a visão de Anselmo.

O *“Cur Deus homo”* é, em primeira instância, uma obra teológica onde o autor aborda algumas categorias ético-normativas, tais como: OBRIGAÇÕES MORAIS, JUSTIÇA, MISERICÓRDIA e HUMILDADE; que são relevantes para a compreensão da relação entre Deus e a humanidade e para a busca da salvação.

No presente trabalho, a partir da obra *“Cur Deus Homo”*, dentro da Teoria Soteriológica ou Discurso sobre a Redenção e Salvação Humana; investigaremos a presença de categorias ético-normativas na argumentação utilizada por Anselmo. A identificação das categorias ético-normativas se faz relevante para a compreensão da relação entre Deus e a humanidade e a busca da salvação.

A abordagem de Santo Anselmo no *“Cur Deus homo”* é predominantemente deontológica, ou seja, enfatizando as obrigações e os deveres morais intrínsecos das ações. As perspectivas teleológicas, podem estar presentes, mas não são o foco principal da obra.

Apesar do uso de uma metodologia racional, elementos de conduta moral normativa do período medieval estão presentes na obra “*Cur Deus homo*”.

Também desejamos mostrar em nosso trabalho, que o estudo das categorias ético-normativas presentes na obra, se faz necessário, pois há uma vinculação entre as bases histórico-culturais dos costumes feudais e as normas baseadas nas instituições jurídicas dos povos Germânicos, com a ideia de satisfação presente na teoria de Anselmo de Aosta. Esse estudo se faz necessário para entender a racionalidade da obra em estudo.

A obra de Anselmo representa um legado também para o pensamento ético, suas discussões sobre as questões morais compõem uma teoria ética presente ao longo de suas obras, cuja sistematização é complexa e com interpretações variadas. É possível observar o pensamento ético de Anselmo a partir das categorias éticas que aparecem em todo o texto da obra em estudo.

É possível identificar no texto do “*Cur Deus homo*” a presença das seguintes categorias ético- normativas relevantes:

JUSTIÇA

A noção de justiça é central no “*Cur Deus homo*”. Anselmo explora a questão da justiça divina e como ela se relaciona com a salvação da humanidade.

Ele argumenta que a justiça exige que o pecado seja expiado, mas também defende que apenas um ser divino poderia cumprir essa exigência. A obra aborda a questão da justiça divina e como Deus, de forma justa, reconcilia a humanidade com Ele mesmo através do sacrifício de Cristo, no capítulo VII do livro I, aparece a categoria ético-normativa da Justiça:

“Uma mesma ação é, pois, justa e injusta segundo o lado pelo qual se olhe, daí que ocorra que alguns a julguem justa e outros injusta. Neste sentido se diz que o demônio atormenta justamente ao homem, pois Deus o permite com justiça, e em justiça o merece o homem. Porém, ao dizer que sofra pela justiça, mas que é castigado por um justo juízo de Deus.”

Anselmo explica que a justiça divina se relaciona com a salvação da humanidade. Ele argumenta que a Justiça Divina exige que o pecado seja punido, mas também propõe uma solução pela qual Cristo, como Deus encarnado, oferece um sacrifício justo para expiar o pecado e restaurar a relação entre Deus e a humanidade. A JUSTIÇA é a categoria ético-normativa central na obra em estudo.

LIBERDADE

A liberdade também é um tema relevante na obra “*Cur Deus homo*”. Anselmo explora a questão da liberdade da vontade humana e sua relação com o pecado e a redenção. Ele discute como a vontade humana pode ser libertada do pecado e como a Encarnação de Cristo desempenha um papel nessa libertação. Anselmo defende que a encarnação de Cristo foi um ato livre de Deus, demonstrando seu amor e sua vontade de restaurar a liberdade da humanidade.

VIRTUDE

Na obra em estudo a discussão das virtudes, permeia o texto, porque o conceito de virtude é subjacente à argumentação de Anselmo. O autor enfatiza a Virtude de Deus, como sua justiça e sua misericórdia, e como essas virtudes estão em ação no plano da salvação. Além disso, a obra aborda a virtude da Humildade, apresentando a teoria de que o fato de Jesus Cristo ter se encarnado, ter assumido a condição humana, foi a grande mostra dessa virtude, com Ele se colocando em situação de humilhação para redimir a humanidade.

MISERICÓRDIA

No capítulo XII do livro I do CDH, aparece a categoria ético-normativa: “*Se convém a Deus, por pura misericórdia, perdoar os pecados sem o pagamento da dívida.*”

A misericórdia também é discutida por Anselmo como uma categoria ética importante. Ele argumenta que a misericórdia de Deus desempenha um papel fundamental na salvação da humanidade. Santo Anselmo explica como a misericórdia de Deus se manifesta por meio da Encarnação de Cristo e de seu sacrifício expiatório, oferecendo uma oportunidade de redenção e perdão aos seres humanos.

HUMILDADE

A humildade é um tema presente no “*Cur Deus homo*”. Anselmo enfatiza a humildade de Cristo ao se encarnar e se submeter ao sacrifício redentor. O autor destaca a importância da humildade como uma virtude a ser seguida pelos seres humanos. A HUMILDADE é uma virtude a ser seguida pelos humanos.

OBRIGAÇÕES MORAIS

Anselmo discute as obrigações morais da humanidade diante de Deus. Ele escreve sobre a questão do pecado e argumenta que a humanidade por causa do seu pecado, está em dívida com Deus. Ele enfatiza a importância de cumprir as obrigações morais para com Deus e como a justiça divina exige que seu pecado seja expiado.

No “*Cur Deus homo*” encontramos as categorias ético -normativas em diversos momentos.

A Justiça aparece quando Anselmo refere-se ao ato justo de Deus como um modo de recompensar o bem e castigar o mal. E explica que o pecado original, por constituir-se num mal, requer uma sanção pois, tendo Adão cometido o pecado livremente, ou seja, houve uma possibilidade de escolha, como poderia ter sido Deus justo, se esse pecado não tivesse sido punido.

Também a Humildade está presente no texto do “*Cur Deus homo*”, a partir da perspectiva de que o amor de Deus é tão grande, que este Deus não conseguiu separar-se da humanidade e, por sua livre escolha, humildemente, sacrificou-se, morrendo na cruz para expiar os pecados dos homens.

Fica evidente no texto da obra que a salvação não pode ser conquistada a partir dos nossos esforços, pois todas as nossas obras carecem de perfeição. Dessa forma, somos salvos pela graça Divina, sendo a salvação um dom gratuito de Deus.

Por uma livre escolha de Adão o pecado entrou no mundo, e por livre escolha também do homem-Deus a salvação aconteceu. A Liberdade aí se consolida no texto da obra. Por misericórdia e sacrifício Deus expiou as culpas da humanidade.

Portanto, a partir destes elementos, podemos identificar a presença das categorias ético-normativas na argumentação de Santo Anselmo, que se dá de forma constante ao longo da obra “*Cur Deus homo*”.

REFERÊNCIAS

A) OBRAS DE ANSELMO DE AOSTA

ANSELMO. Monólogo, Proslógio, A Verdade, O Gramático. In: Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. Por que Deus se fez Homem? São Paulo: Novo Século, 2003.

B) BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABBAGNANO, Nicola. História da Filosofia – Vol. III. 3ª ed. - São Paulo: Ed. Presença, 2000;

_____. Dicionário de Filosofia - São Paulo: Martins Fontes, 2003;

Bíblia de Jerusalém. 1ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2019..

VASCONCELLOS, Manoel Luís Cardoso. Ora et labora: estudos sobre Santo Anselmo; Curitiba: FASBAMPRESS, 2022.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UMA EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA SOCIOLOGIA

Data de aceite: 01/03/2024

Breno Augusto Garcia Sales

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Pará. Campus Belém.
Mestre em Ciências Sociais (Antropologia)
pela Universidade Federal do Pará

RESUMO: Este texto descreve um exercício de iniciação científica realizada em 2019 com duas turmas do quarto ano do ensino médio no Instituto Federal do Pará, campus Belém. O objetivo é discutir acerca dos passos seguidos desde a percepção da possibilidade de implementação da experiência sem prejuízo ao programa e ementa regulamentar da disciplina até a apresentação dos resultados da pesquisa pelos estudantes envolvidos, chegando até a mencionar as repercussões dos aprendizados na vida acadêmica e profissional de dois estudantes. O trabalho foi organizado em seis etapas fundamentais: 1) leitura e debate de textos 2) exercício de escrita da proposta de pesquisa; 3) agrupamento de propostas congêneres e revisão dos projetos de pesquisa; 4) início dos trabalhos de campo e orientações; 5) resultados parciais; 6) seminário de apresentação dos resultados.

Esta atividade de culminância possibilitou observar a boa apropriação das técnicas de pesquisa e o aguçamento do senso crítico dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Iniciação científica. Ensino Médio Integrado. Sociologia. Educação Científica. Pesquisa de campo

ABSTRACT: This text describes a scientific initiation exercise carried out in 2019 with two classes of the fourth year of high school at the Federal Institute of Para, Belem campus. The goal is to discuss about the steps followed since the perception of the possibility of implementing the experience without prejudice to the program and regulatory menu of the discipline until the presentation of the research results by the students involved, even mentioning the repercussions of the learnings in the academic and professional life of two students. The work was organised into six fundamental stages: 1) reading and discussion of texts; 2) exercise of writing the research proposal; 3) grouping of similar proposals and revision of the research projects; 4) beginning of the fieldwork and orientations; 5) partial results; 6) seminar for the presentation of the results. This culminating activity made it possible to

observe a good appropriation of the research techniques and the sharpening of the students' critical sense.

KEYWORDS: Scientific initiation. Integrated High School. Sociology. Scientific Education. Field work

INTRODUÇÃO

Trata-se aqui de um relato de experiência do desenvolvimento de atividades de iniciação científica realizadas com duas turmas semestrais de 4º ano do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Pará (IFPa) dos cursos de Eletrotécnica e Telecomunicações na disciplina Sociologia no ano de 2019.

A concepção do trabalho de iniciação científica com estas turmas concluintes do Ensino Médio Integrado no âmbito do IFPa aconteceu, basicamente, por entender que, a etapa em que se encontravam representa a antessala do ensino superior e, vencidos os três anos de sua formação, já não existe grande preocupação com o Exame Nacional do Ensino Médio e outros concursos públicos nacionais, haja vista que praticamente todo o conteúdo relativo principalmente ao ENEM já foi “vencido” pela maioria das disciplinas. Ademais, pessoalmente, sempre fui simpatizante e entusiasta da chamada Iniciação Científica Júnior, a qual dá origem as assim chamadas bolsas PIBIC-Júnior, hoje pouco estimuladas no estado do Pará por meio dos órgãos de fomento à pesquisa.

METODOLOGIA

Tanto com a turma de eletrotécnica, com aproximadamente 12 estudantes, como a turma de Telecomunicações, com algo em torno de 24 estudantes, o trabalho foi organizado em seis macro momentos: 1) leitura e debate de textos que versaram sobre as fronteiras da modernidade e da pós-modernidade nas Ciências Sociais; 2) exercício de escrita da proposta de pesquisa através de um modelo simplificado de projeto de investigação; 3) agrupamento de propostas congêneres e revisão dos projetos de pesquisa; 4) início dos trabalhos de campo e das orientações dos primeiros dados de campo; 5) primeira versão dos resultados parciais e discussão com o professor; 6) seminário de apresentação dos resultados das pesquisas.

Mister ressaltar que estas etapas foram se construindo de acordo com o andamento e a adaptação dos estudantes à proposta da disciplina. Nesse sentido, destaco o agrupamento dos temas que se aproximavam, iniciativa que partiu do professor e em todos os casos foi bem recebido, exclusivamente no caso do curso de Telecomunicações.

A primeira fase da disciplina foi realizada com base no programa da disciplina Sociologia direcionado às turmas de 4º ano¹, no qual tínhamos uma discussão sobre

1 Após a revisão dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC's) no IFPA no ano de 2018, todos os cursos do ensino médio integrado passaram a ser de três anos e justamente neste ano de 2019 tivemos as últimas turmas que cursaram o ensino médio em quatro anos.

modernidade e pós-modernidade, ficando as referências a serem trabalhadas a critério do professor da disciplina. Nesse sentido, montei um programa com autores como Weber, Manuel Castells, Ulrich Beck e Erich Fromm. O fio condutor da discussão foi a partir de Weber que inaugura na Sociologia Moderna um olhar que tem no indivíduo um papel ativo e proeminente em relação às instituições sociais o que, mais tarde, no campo da Antropologia, irá subsidiar as discussões sobre estrutura e agência, chamando a atenção ao protagonismo que esta última assume a partir do anos 60.

Nesta linha do tempo do “breve século XX”, como intitula Hobsbawn (1995), apresentei aos estudantes Manuel Castells, especialmente a discussão contida no volume 1 da trilogia “A Era da Informação”, intitulada “Sociedade em Rede” (LIVRO DA SOCIOLOGIA, 2015). Na sequência e inteiramente concatenado com Castells, os estudantes foram apresentados à Ulrich Beck (idem) e a discussão da categoria “risco” a partir de uma perspectiva sociológica. Na incursão a respeito da “sociedade de risco”, incursionamos pelas questões que envolvem o acesso, segurança e privacidade na internet, porém não se restringindo a este universo, visto que Beck também passeia por outras facetas do risco. Quando apresentamos Erich Fromm (1980), tive a intenção de confrontá-los com um pensador que desenvolvesse uma crítica à mecanização da vida e, com efeito, à robotização humana, ou seja, erigindo um pensar desnaturalizador em relação ao que se convencionou-se entender como ferramentas do progresso, da ciência e da técnica no limiar da alta modernidade ou, no entender de outros autores, de uma modernidade tardia. Por fim, também trabalhamos uma referência que tem bastante apelo entre os estudantes - “Amor Líquido” (2004) e, como esperado, o tempo da aula não foi suficiente para tantos apontamentos realizados pelos interessados em compreender os escritos de Zigmunt Bauman. Com efeito, um grupo escolheu este assunto para construir uma proposta de pesquisa com estudantes no campus Belém acerca da fugacidade dos sentimentos e plasticidade dos relacionamentos humanos.

A julgar pelos temas escolhidos pelos estudantes para serem pesquisados, em pelo menos três, Castells, ao lado de Beck, se mostraram autores fundamentais no que diz respeito ao interesse acerca dos usos e apropriações dos seus próprios pares acerca das assim chamadas “redes sociais” digitais/virtuais. Nesse sentido, percebemos uma tentativa de compreender-se a partir de um “outro” que está bem próximo, que lhe é familiar, tendo em vista os sujeitos da pesquisa terem sido os próprios estudantes, do mesmo curso – no caso Telecomunicações - ou de cursos diferentes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O segundo momento da disciplina teve o objetivo de realizar um exercício de escrita de um projeto de pesquisa simplificado, no qual realizar um recorte da temática a ser estudada era tão importante como compreender o quê cada etapa de um projeto sociológico de investigação científica deve conter, assim como a interdependência dessas seções.

Para tanto, recebi de um professor de Filosofia² que já desenvolvia um projeto de iniciação científica para estudantes do ensino médio no IFPA Campus Belém, um material que estruturava um modelo de projeto de pesquisa científica introdutório, no qual realizei algumas adaptações que inseriam perguntas no lugar dos termos “objetivos”, “metodologia”, “justificativa” no intuito de facilitar ainda mais a compreensão dos estudantes a respeito do que representavam estas etapas da projeção de um estudo sociológico e de como elas estavam interligadas.

Os estudantes foram convidados a escolher temáticas livremente, mas que procurassem interlocução com os autores discutidos na disciplina e outros autores a serem pesquisados por eles e/ou indicados por mim ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Realizamos este exercício de escrita do projeto em uma aula regular. Os estudantes que já tinham se combinado de pesquisar em dupla ou em trio se juntaram para desenvolver a tarefa juntos e outros a fizeram individualmente. A alternativa de inserir perguntas, conforme aludido acima, facilitou o entendimento dos jovens pesquisadores, porém assim como acontece no ensino superior no *approaching* com as disciplinas de metodologias científicas, ainda tiveram dificuldades em identificar em cada fase do projeto a atribuição correspondente. Nesse sentido, foi importante fazer a leitura dos trabalhos e reservar um momento de orientação para procurar esclarecer em que pontos era possível melhorar e, desta feita, proporcionar uma clareza maior para os estudantes acerca do que iam fazer quando fossem para o campo da pesquisa.

Após esta primeira leitura, percebi algumas temáticas convergentes e convidei os estudantes a se juntarem e construírem uma nova proposta consolidada ou, se fosse de comum acordo, manter uma das propostas envolvidas. Não tivemos resistência e, no final, na turma de Telecomunicações, 4º ano, tivemos os seguintes temas:

1. Egressos e Mercado de Trabalho
2. “Manipulação” na Sociedade em Rede entre jovens de 15 a 17 anos
3. A influência das redes sociais na sociedade acadêmica
4. Trabalho informal
5. Usos das Redes Sociais Digitais
6. Questão Ambiental na Escola
7. Amor Líquido

2 Registro meu agradecimento ao Prof. Dr. Haroldo Bentes, então membro da Seção de Ciências Humanas e suas Tecnologias, pelo compartilhamento deste material.

No caso da turma de eletrotécnica, tivemos duas temáticas propostas, porém, no final, somente dois grupos que escolheram o mesmo tema apresentaram relatório final, qual seja o tema 1:

- 1) Evasão Escolar no IFPA Campus Belém (duas pesquisas diferentes de grupos diferentes)
- 2) Homofobia no Campus Belém

PREPARAÇÃO PARA A ENTRADA NO CAMPO E AS PRIMEIRAS ORIENTAÇÕES

Desde o início, estimei os estudantes a fazer pesquisa de campo e, nesse sentido, penso que a formação em Antropologia influenciou sobremaneira neste aspecto. Com efeito, não tivemos nenhum grupo ou indivíduo que tenha optado por fazer uma investigação a partir de dados secundários ou de segunda mão, como se costuma dizer no *métier* da pesquisa social. Nesse sentido, como iniciativas preparatórias para a entrada no campo, tivemos uma aula expositiva acerca de técnicas de pesquisa social e elaboração de instrumentos de coleta de dados. Foi um momento para partilhar com os estudantes as diferenças nos tipos de entrevista (estruturada, semiestruturada e aberta) e as características dos questionários e formulários, convidando-os a se questionarem quais seriam as ferramentas mais apropriadas para serem aplicadas junto aos sujeitos de suas pesquisas.

Na sequência, portanto, tivemos a etapa da confecção do instrumento de coleta de dados por parte dos estudantes. O questionário predominou entre as pesquisas, mas também tivemos a presença de formulários e de entrevistas gravadas, o que nos possibilitou exercitar todas as técnicas tratadas em sala de aula. Estava ciente de que existiam outros tipos de instrumentos a serem elaborados, inclusive a partir de referências construídas dentro do próprio campo. Contudo, para o nível acadêmico que estava trabalhando e para os objetivos de uma iniciação científica no ensino médio, acredito que o aprendizado com aqueles instrumentos já nos eram bastante enriquecedores.

Esta etapa foi constituída de uma avaliação de minha parte e posteriormente um retorno para os estudantes com eventuais ajustes a serem feitos. Ao realizar os ajustes, a intenção era deixar os instrumentos mais “enxutos” possíveis, tanto para quem fosse trabalhar com perguntas em formulários e questionários como para aqueles que fossem realizar entrevistas. Para estes últimos, também disponibilizei um modelo de termo de consentimento livre e esclarecido para ser assinado pelos colaboradores de um grupo que estava a pesquisar os “usos das redes sociais digitais”. Desta forma, a intenção também era abordar com eles o debate acerca das questões éticas e legais no campo da pesquisa sociológica.

Uma vez construídos os instrumentos de coleta de dados, percebi que não se apresentaram empecilhos para entrada nos respectivos espaços de pesquisa, tampouco

registre qualquer dificuldade em conseguirem colaboradores e interlocutores para a realização do trabalho de campo, tendo em vista que em quase todos os casos buscaram-se estudantes do próprio *campus* para a parceria.

Ainda sobre o treinamento de um olhar na pesquisa de campo, procurei induzir o debate já consolidado na antropologia brasileira acerca do exótico e do familiar quando se lança um olhar investigativo sobre nossa própria “aldeia”. Nesse sentido, estranhar o familiar (Velho, 2018) neste âmbito tornou-se a principal premissa da entrada no campo, sabendo que este exercício nos acompanha sempre por todo o trajeto da pesquisa, aí incluso um período de devolução dos resultados para o grupo(s) com o qual(is) está se dialogando.

PRIMEIRA VERSÃO DOS RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO COM O PROFESSOR

Aqueles estudantes que escolheram levantar dados a partir de questionários e formulários foram convidados a tabular estes dados e, nesta tarefa todos usaram o Microsoft Excel sem maiores dificuldades, tendo em vista, à meu ver, experiências prévias ao longo do curso ou extracurricularmente. Além da organização em tabelas, também montaram os gráficos em barra ou em pizza com destreza, o que nos poupou tempo e favoreceu sobremaneira o andamento da atividade.

Contudo, ajustes nestas tabulações foram realizados no sentido de tornar mais sistemática a apresentação dos resultados. No caso dos estudantes que procederam com entrevistas com o tema “usos das redes sociais digitais”, o desafio foi como conduzir a entrevista dentro dos objetivos traçados no projeto, sem prejuízo a uma escuta atenta à outro tema não previsto enfatizado pelo interlocutor ou mesmo procurando desenvolver uma “leitura” para eventuais silêncios ao longo da conversa. Outrossim, extrair o quê da entrevista seria interessante trazer para discussão nos primeiros resultados da pesquisa também se constituiu em assunto tratado em nossas orientações, de modo que com este grupo tive mais horas de orientações do que os demais.

SEMINÁRIO DE APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DAS PESQUISAS

Após retornarem ao campo e retomar o contato com seus interlocutores, os estudantes pesquisadores conseguiram realizar os ajustes que tinham sido conversados nas orientações e, ademais, também foram capazes de ampliar a quantidade de dados obtidos, trazendo ainda mais riqueza ao trabalho.

O momento alto deste trabalho de iniciação científica junto a estes estudantes do Ensino Médio Integrado foi o Seminário de apresentação das pesquisas. No caso dos estudantes de telecomunicações, o evento coincidiu com a festa de confraternização de último dia de aula da turma no Instituto Federal do Pará, campus Belém, após três

anos e meio de estudos. Tudo aconteceu na sala de aula da turma e não existia uma programação que tivesse planejado os dois eventos para o mesmo dia. A festa aconteceu antes do início do seminário, pois alguns acreditavam que já não iam mais ter atividades naquele dia, contudo mantive o que estava agendado. De certa forma, a necessidade de organização para apresentação de um trabalho acadêmico quebrou o clima de festa com “comes e bebes” e descontração, contudo, a maioria tinha se organizado para apresentar e o ambiente se tornou mais leve justamente por conta da festa realizada previamente.

Além de apresentações orais, foram utilizados recursos de audiovisual, como o projetor que eu disponibilizei no dia. A forma como os dados foram analisados pelos estudantes me chamou bastante a atenção, especialmente pelo fato de terem construído um diálogo com os autores trabalhados na primeira etapa da disciplina de forma admirável, crítica e relacional.

VALEU A PENA? A AVALIAÇÃO DE DOIS ESTUDANTES DE TELECOMUNICAÇÕES

Após quase dois anos de realização desta atividade, procurei - considerando o contexto pândemico ainda vivido no Brasil - por mensagem instântanea via aplicativo WhasApp dois estudantes de telecomunicações para fazerem uma avaliação sobre o quê ficou de aprendizado daquele momento que, a meu ver, pareceu uma experiência diferenciada para eles, haja vista que na disciplina de Filosofia, tinham realizado o projeto, porém não tinham executado a pesquisa. Decorridos tantos meses após a confecção destas pesquisas, considero que os meus dois interlocutores (e sempre foram desde quando estudávamos juntos) Marcelo e Aryana receberam super bem a ideia e dentro de dois dias escreveram um texto me retornando uma avaliação.

Reproduzo aqui na íntegra, primeiramente, as palavras de Aryana - que hoje, em 2021, toca um empreendimento relacionado à estética, beleza e cuidados pessoais - a respeito do que considera o que representou aquele momento de iniciação científica:

A experiência proporcionada pelo trabalho com os textos e entrevistas durante a disciplina Sociologia IV contribuiu para meu crescimento pessoal, visto que ambos em conjunto ocasionou [sic] o encontro e debate entre alunos e colegas sobre a vida pessoal, em específico o modo que essas pessoas lidavam com seus afetos e paixões, e como eram afetadas academicamente e emocionalmente. Essas entrevistas, para mim, ofereceram um domínio maior na comunicação, visto que anteriormente eu sentia dificuldades em direcionar um assunto dentro de um debate por sentir insegurança. Além disso, tive a oportunidade de aprender sobre vários aspectos acerca do comportamento das pessoas quando estão postas e vulneráveis ao amor no mundo moderno.

Marcelo, com interesse sempre aguçado e perguntas instigantes quando da realização da disciplina, me retornou com as seguintes palavras:

Em 2019, foi-me apresentado as pesquisas científicas através da matéria de sociologia, e conforme as pesquisas foram sendo encaminhadas e concluídas aquele momento já foi de grande contribuição pra minha vida e ensino acadêmico, na minha visão nenhuma outra instituição ia me abrir os olhos e me ensinar aquela metodologia de pesquisa, e os temas abordados, que eram tão presentes no nosso cotidiano e muitas vezes estavam subentendidos. O que trouxe de aprendizado me ajudou bastante no meu vestibular, quando fui fazer a prova do Enem, pois muitos temas abordados estavam presentes nas questões, pude usar na redação, que eu acabei tendo uma nota bem alta, e tudo isso contribuiu querendo ou não para a minha aprovação, em faculdades públicas e particulares como bolsista, e além de tudo, a introdução a práticas de pesquisa, atualmente tem me ajudado no meu curso superior, que é de arquitetura e urbanismo, a pesquisa inicial faz parte e é de suma importância para todo o projeto de arquitetura, onde em muitos casos, fazemos pesquisas para conhecer o programa de necessidades, o estudo bioclimático, a situação da pessoa ou do grupo direcionado de determinada situação, ou muitas vezes a questão social, muito vista nas habitações de interesse social. Portanto posso dizer que efetivamente o ensino da prática de pesquisas, com o interesse em ter o que pesquisar, tudo isso que eu pude desenvolver com essa iniciativa que tive no ensino médio, tanto me ajudou academicamente como na minha vida profissional e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato, pontuei que a experiência no curso de Eletrotécnica foi bem tímida, tendo a proposta pouca ou pouquíssima receptividade entre os estudantes, o que nem de perto aconteceu com os estudantes de Telecomunicações, os quais já conhecia da disciplina Sociologia III - desenvolvida no terceiro ano do ensino médio - e intuía que a proposta “inovadora” tinha possibilidade de prosperar.

Considero que, como antropólogo, estimei todos os estudantes a desenvolverem pesquisas de campo, lançando mão de técnicas diversas para buscarem dados que pudessem ser problematizados e, sempre que possível, fossem confrontados com a literatura atinente aos temas trabalhados. Desta feita, considerando que os estudantes não desenvolveram etnografias propriamente ditas, sugeri, contudo, métodos e técnicas de pesquisa que comumente utilizamos em Antropologia Social, tais quais o treinamento do olhar de estranhamento, o aguçamento das faculdades auditivas para captação do não dito, do silêncio ou do demasiadamente dito e a escrita envolvente que conduz o leitor à cena da entrevista ou do problema enfocado, cuja característica atribuímos principalmente ao estilo malinowskiano de etnografar (Malinowski, 1978[1922]).

Outro aspecto relevante a ser ressaltado foram os temas intencionados pelos estudantes para a realização das pesquisas. O acesso à internet e o uso de mídias digitais na Educação foi, sem dúvida, a preocupação mais aventada pelos discentes e isto em um período que ainda não poderia ser chamado de pré-pandemia. Estar em um instituto tecnológico, mas sem ter, na maioria dos casos, condições materiais de acesso aos recursos

mais atrativos da tecnologia parece ser fator instigante para o “faro” de pesquisador destes estudantes.

Parece não restar dúvidas de que convidar estudantes a desenvolver pesquisa sociológica, com todas as etapas próprias, desde o nível básico, é uma forma de exercitar o que Celso Antunes (2007) nos ensina a respeito da aprendizagem significativa, ou seja, apresentar conceitos, categorias e realidades que se ancorem a conhecimentos já adquiridos em outros ambientes e fases da vida do estudante. Nesse sentido, as etapas da investigação acionam estruturas cognitivas que se juntam a novos encaixes possíveis gerados pelos novos dados construídos ao longo das atividades de observação e experimentação, proporcionando, inclusive, que o estudante reconheça o caráter histórico, social e cultura de toda produção científica, conforme sugerem Pontel e Vieira (2020).

Conciliar ensino e pesquisa no Ensino Médio é uma realidade incipiente na rede pública brasileira. Contudo, quando implementado e especialmente se feito de forma interdisciplinar, parece ser uma das ferramentas mais fixadoras do aprendizado e do envolvimento dos estudantes quando estes tem a oportunidade de escolher o que querem pesquisar, além de perceberem a instituição escolar como um marcador de um novo tempo nas suas trajetórias.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Como transformar informações em conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2007. 6ªed.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FAERMAN, Marcos. Erich Fromm: um pensador que escolheu a razão como caminho. **Jornal da Tarde**. São Paulo. 19 Mar. 1980. P. 18. Disponível em: http://www.marcosfaerman.jor.br/1980_03_19_ErichFromm.html?vis=facsimile. Acesso em: 09/12/2021.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1922].

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Nova Cultural, 1978.

O LIVRO DA SOCIOLOGIA. Trad. Rafael Longo. São Paulo: Globo Livros, 2015. 1ª ed.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 1 – 13.

PONTEL, Taiane Lucas; VIEIRA, Josimar de Aparecido. Iniciação científica no ensino médio integrado à educação profissional: contextos, limites e possibilidades. **Revista Cocar**, v.14, nº 30, Set./Dez. 2020. P.1-17.

CARTOGRAFIAR A EXPERIÊNCIA: UM RELATO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOCIOLOGIA

Data de submissão: 11/01/2024

Data de aceite: 01/03/2024

David Silva de Oliveira

Universidade Estadual do Ceará -
Faculdade de Educação de Itapipoca
Itapipoca - Ceará
<https://lattes.cnpq.br/7795969659046497>
<https://orcid.org/0000-0002-2201-8186>

RESUMO: O presente trabalho registra o período de estágio na Escola de Ensino Médio Anastácio Alves Braga, localizada no município de Itapipoca/Ceará. Desenvolvido durante setembro de 2022 a dezembro de 2023, o estágio supervisionado foi a primeira experiência de observação do cotidiano escolar sob a ótica de um futuro professor de Sociologia. O texto tem como objetivo apresentar algumas características da escola focando no seu aspecto social. Na escrita deste relato de experiência foi utilizado o método cartográfico, prática em que o pesquisador acompanha, através da experimentação subjetiva, um processo de experiências em andamento. Foram realizadas entrevistas com alguns estudantes ressaltando temas considerados relevantes na presente cartografia: a visão que se tinha da escola antes de nela ingressar, preconceitos, diversidade racial

e sexual, a relação entre o trabalho e os estudos, etc. Como resultado, apresentamos o cotidiano da escola, sua constituição discente, bem como os desafios de uma instituição de ensino médio regular que tem como compromisso “conquistar” e “acolher” estudantes que por vezes encontram-se em risco de evasão escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Sociologia. Cartografia social.

ABSTRACT: This work records the internship period at the Anastácio Alves Braga High School, located in the municipality of Itapipoca, Ceará. Developed from September 2022 to December 2023, the supervised internship was the first experience of observing daily school life from the perspective of a future Sociology teacher. The text aims to present some characteristics of the school focusing on its social aspect. In writing this experience report, the cartographic method was used, a practice in which the researcher follows, through subjective experimentation, a process of ongoing experiences. Interviews were carried out with some students highlighting themes considered relevant in this cartography: the view they had of the

school before entering it, prejudices, racial and sexual diversity, the relationship between work and studies, etc. As a result, we present the daily life of the school, its student constitution, as well as the challenges of a regular secondary education institution that is committed to “conquering” and “welcoming” students who are sometimes at risk of dropping out of school.

KEYWORDS: Supervised internship. Sociology. Social cartography.

UMA CARTOGRAFIA DA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA

A cartografia social, mais que uma metodologia (*metódos*), um caminho (*hódos*) que aponta para a meta (*metá*), é uma prática de pesquisa em que o pesquisador acompanha não uma conclusão, mas um processo (COSTA, 2014, p. 70). Não estabelece uma finalidade imediata, ao contrário, está mais no campo da experimentação subjetiva.

A cartografia encontra-se no terreno das subjetividades e da própria atuação do pesquisador no seu campo de pesquisa. Ao contrário de temer uma indevida interferência (resquícios da desejada neutralidade positivista), a cartografia abre para a possibilidade do cartógrafo misturar-se com a pesquisa. Tal método é então entendido como processo de subjetivação, “a operação pela qual indivíduos ou comunidades se constituem como sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, podendo dar lugar a novos saberes e poderes” (DELEUZE, 1992, p. 188). Cartografar, portanto, é permitir que a pesquisa caminhe para o campo dos *afetos* e dos *encontros*.

Cartografar é adentrar em territórios de subjetividades. Cartografia e Território, conceitos retirados da geografia, transformam-se em experiências na intersecção dos saberes políticos, antropológicos, filosóficos, sociológicos. O cartógrafo pensa nos limites dos saberes, não os entende como áreas exclusivas e excludentes, mas como *zonas fronteiriças*, pois “não implicam linhas nítidas e sim regiões, nas quais uma coisa gradualmente se transforma em outra, onde há indistinção, ambiguidade e incerteza” (HANNERZ, 1997, p. 20).

Os significados do *Território* são expandidos, estão além da sua definição como espaço físico: “podemos falar em territórios subjetivos, territórios afetivos, territórios estéticos, territórios políticos, territórios existenciais, territórios desejantes, territórios morais, territórios sociais, territórios históricos, territórios éticos e assim por diante” (COSTA, op. cit., p. 68). Os territórios são “zonas de recomposição e de identificação entre os indivíduos e os espaços vividos” (DIÓGENES, 2008, p. 26-27), são construções, interações sociais e podem ser reconfigurados a todo instante:

o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantes. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo ou uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

No texto que segue poderemos observar como, na experiência de estágio, os mapas da escola são apropriados pelos próprios estudantes. As estruturas físicas, idealizadas para determinados fins, tornam-se, na ressignificação dos discentes, espaços de encontros, conversas.

A *cartografia*, portanto, está ligada ao movimento, pois entende a pesquisa como um processo contínuo em que nós, da mesma forma como no rio de Heráclito, não encontramos o mesmo campo anteriormente conhecido – como o rio, somos também outros. O texto movimenta-se e realiza-se através de encontros. O encontro entendido não como uma finalidade, mas como meio, como acontecimento imprevisto. Tais encontros inesperados já fazem parte da pesquisa de campo, ocasionando mudanças mais ou menos bruscas no processo de escrita. Os encontros não são somente entre as pessoas, a cartografia é feita de encontros com as ideias, com a moral, com as práticas, com as concepções de mundo. O encontro também se dá com as coisas. Ingold (2012) faz uma distinção entre objeto e coisa. O *objeto* é um fato consumado que se encerra em si mesmo; a *coisa*, ao contrário, é o lugar “onde vários acontecimentos se entrelaçam” (INGOLD, op. cit., p. 29). As coisas transbordam de subjetividade. Assim se dá na cartografia, que trabalha com os fluxos, transformações e imprevistos da pesquisa.

Os encontros, segundo Deleuze, são solidões povoadas (COSTA, op. cit., p. 72). Solitários, os encontros atravessam cada um de forma singular; são igualmente povoados porque o encontro é entre nós e algo, entre nós e uma *coisa*. Entre nós e o que nos afeta.

A cartografia, por fim, trabalha com o “deslocamento das ideias prontas” (id., p. 74), com outros entendimentos do que significa estar implicado/envolvido/afetado na própria pesquisa. A escrita acontece a partir das intensidades dos encontros possíveis no transcurso da pesquisa. Se tais encontros repercutem (inclusive corporalmente), ela adquire um sentido e uma importância sendo, como o texto que segue, registrada.

CAMPO DE PESQUISA, LUGAR DE AFETOS



Figura 1. Fachada da EEMAAB. Foto do autor.

Fundada em 5 de fevereiro do ano de 1938, a Escola de Ensino Médio Anastácio Alves Braga (EEMAAB) está localizada no município de Itapipoca, no litoral oeste do Ceará. Itapipoca é a sétima cidade cearense mais populosa e ocupa a décima economia do estado. É conhecida como a “terra dos três climas: praia, serra e sertão” por apresentar unidades distintas de vegetação, como a “caatinga arbustiva (sertão), zona litorânea (praia) e complexo vegetacional de matas secas e úmidas (serra)” (MESQUITA, 2016, p. 23). O município possui oito escolas secundaristas, das quais metade localizam-se na sede urbana.

A EEMAAB encontra-se entre duas das avenidas mais movimentadas da cidade, a Avenida Duque de Caxias e a Avenida Anastácio Braga. Ao lado esquerdo da escola encontra-se o Mercado Público Municipal. Ao lado direito, alguns empreendimentos comerciais e uma faculdade particular. Nenhuma casa está localizada nos limites da extensão da escola, que ocupa quase toda uma quadra (apenas a Secretaria da Fazenda, do governo do estado, faz vizinhança com a parte detrás da escola).

Na frente da escola observamos a presença do comércio informal. Na própria calçada temos alguns feirantes que dispõem à venda banana, feijão, milho, ata, manga, dentre outros produtos alimentícios. Ao lado, na rua que separa a escola do mercado público, estão improvisadas barracas que oferecem produtos os mais diversos. A calçada também é ocupada por veículos que transportam passageiros a outras cidades da região. O movimento, portanto, é intenso ao redor da instituição de ensino durante todo o horário comercial.

Não há, no espaço que circunda a escola, qualquer estrutura ou construção na qual os estudantes ou transeuntes possam sentar e esperar, por exemplo, o horário de entrada na escola ou a chegada e partida dos ônibus intermunicipais. Às seis horas da manhã e cinquenta minutos a escola Anastácio Alves Braga abre seus portões para aqueles que já estão aguardando e para os que, durante os próximos minutos, chegarão das mais diversas localidades do município.

O número de estudantes matriculados no ano de 2023 foi de 964, um quantitativo levemente superior ao do ano anterior, de 956.

A escola conta ainda com um anexo localizado no distrito Barrento que funciona no período noturno. No anexo estudam adolescentes vindos de diversas localidades nas dez rotas de ônibus que hoje levam os estudantes ao anexo.

Há estudantes da região serrana, de áreas litorâneas e do sertão do município. O corpo discente da escola Anastácio Alves Braga, portanto, é bastante diversificado. Uma professora chegou a comentar que “aqui na escola é que está realmente a população de Itapipoca, porque temos estudantes de todo canto”.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, atualizado em novembro de 2022, 84% dos estudantes no ano anterior residiam na zona urbana, enquanto 16% moravam na zona rural. Os números referem-se apenas à escola sede (no anexo Barrento todos os estudantes moravam no interior do município). Desses 84%, ainda segundo o PPP, a maioria dos estudantes reside nos bairros periféricos de Itapipoca: Alto Alegre, Mourão, Estação, Ladeira, Nova Aldeota e Sanharão.

O Projeto Político Pedagógico traz alguns dados referentes ao perfil socioeconômico das mães e pais dos estudantes da escola Anastácio Braga. A maioria das mães declaram-se domésticas (43%) ou agricultoras (42%), enquanto que a grande maioria dos pais se definem como agricultores (67%).

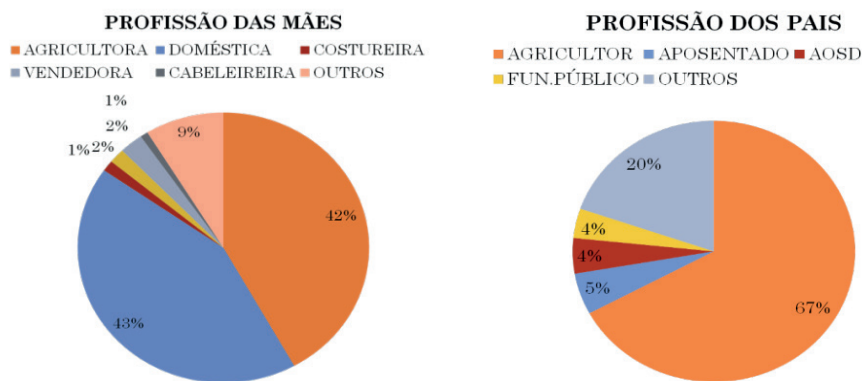


Gráfico 1. Profissão das mães e pais.

Fonte: PPP da escola (p. 12).

A respeito das informações contidas no gráfico, podemos destacar que grande parte dos pais e mães não possuem uma renda fixa, o que dificulta não apenas o planejamento econômico, mas também o próprio acompanhamento educacional dos filhos e filhas. Na experiência de estágio supervisionado pude observar casos de estudantes que trabalhavam para colaborar com o sustento da família.

A ESTRUTURA ESCOLAR

A primeira visita à escola como estagiário aconteceu no dia 13 de setembro de 2022, uma terça-feira. Chego às 6 horas e 50 minutos e aguardo a professora supervisora próximo ao pátio. Ao encontrá-la, ela me pergunta se eu já conhecia a escola. Havia ido poucas vezes ao colégio, mas recordava de alguns espaços, apesar das muitas transformações. Uma dessas transformações ocorreu no próprio pátio, com algumas rampas de acesso. Posteriormente conversando com um dos coordenadores, ele relatou que algumas mudanças de acessibilidade ocorreram a partir de quando a escola recebeu uma professora cadeirante, há cerca de dez anos atrás. A escola não havia sido construída pensando-se na acessibilidade e somente a partir de então reformas foram sendo realizadas.



Figura 2. Pátio da escola. Foto do autor.

A escola não possui muitos espaços de lazer. Temos a quadra esportiva, utilizada durante as aulas de Educação Física, aulas e outros eventos. Além do pátio central (onde alguns estudantes jogam tênis de mesa ou ocupam os bancos dispostos), não observamos outros espaços projetados com a finalidade de serem lugares de socialidade, de encontros entre estudantes de turmas e séries diferentes. Sobre os lugares que utilizavam nos intervalos para conversar, um dos estudantes comentou: “corredores, pátio, sala - não tem muita coisa pra fazer aqui, a quadra não é liberada”. Dayrell, ao refletir sobre a arquitetura da escola, diz:

A arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma da construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento de seus usuários. Nesse sentido, a arquitetura escolar interfere na forma da circulação das pessoas, na definição das funções para cada local. Salas, corredores, cantina, pátio, sala dos professores, cada um destes locais tem uma função definida *a priori*. O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa. DAYRELL: 1996, p. 147.

As salas possuem câmeras de vigilância e caixas de som. Cartazes motivacionais como “Acreditamos em você”, “Não transforme um dia ruim em uma vida ruim”, dentre outros, estão dispostos ao lado de outros informes que indicam a proximidade das avaliações externas.

A gradual implementação do Novo Ensino Médio expõe as limitações estruturais da escola. A escola Anastácio Braga não possui uma estrutura adequada a receber as disciplinas eletivas, todas as salas estão ocupadas durante cada turno. A integralização do ensino foi pensada como solução para a evasão escolar, mas, contraditoriamente, há o temor de que o ensino integral cause a evasão escolar num contexto em que parte considerável dos estudantes trabalham. A professora supervisora por vezes questionava o que aconteceria se os estudantes que trabalham estivessem num contexto escolar de ensino de tempo integral. A evasão poderia aumentar, pois “aluno não trabalha porque quer, mas porque precisa”. Faz-se necessária, portanto, uma discussão em torno das realidades das famílias e dos adolescentes que serão impactados diante da perspectiva da integralização do ensino médio.

ENTREVISTAS

Foram realizadas cinco entrevistas com estudantes. A escolha das pessoas entrevistadas foi motivada a partir da representatividade de temas considerados relevantes na presente cartografia, como a diversidade racial e sexual, estudantes que trabalham, além daqueles que fazem parte do grêmio estudantil.

Foram entrevistados um estudante trans, um estudante negro, uma estudante gremista e dois estudantes que trabalham no turno da tarde. A fim de salvaguardar a

privacidade das pessoas entrevistadas, as identidades não serão reveladas no presente texto. Os referidos trechos das falas registradas adotaram as seguintes indicações: Participante 1 – P1, Participante 2 – P2, Participante 3 – P3, Participante 4 – P4, Participante 5 – P5. A escolha da numeração se deu por ordem de aparição no texto.

As entrevistas foram abertas, onde os participantes tiveram liberdade para discorrer sobre os temas propostos. Entrevistas abertas possuem algumas vantagens, como uma maior interação entre entrevistador e entrevistado, sobretudo em temas mais complexos e delicados, o que exige necessariamente uma condução apropriada do entrevistador com o objetivo de não causar constrangimentos que inibam o participante de expor seu ponto de vista. As entrevistas abertas possibilitam respostas mais espontâneas: “quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes” (BONI e QUARESMA: 2005, p. 74).

O roteiro de perguntas foi semiestruturado em alguns tópicos considerados relevantes para a abordagem da presente cartografia. A partir das respostas, conduzi as perguntas para o cotidiano escolar, laços de amizade desenvolvidos, episódios envolvendo discriminação dentro e fora da escola, além de outros temas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. O gravador, instrumento que “em alguns casos pode causar inibição, constrangimento” (id., p 77), foi apresentado logo no início das entrevistas onde expus a necessidade dele para que eu não perdesse os detalhes do que foi dito. Um dos estudantes aparentou certa inibição logo no início, mas o andamento da conversa conduzida de modo informal o fez desconsiderar, ao menos aparentemente, o objeto.

Além das entrevistas gravadas com os estudantes, no decorrer do período de estágio mantive a observação e conversas com professores, coordenadores e secretário. A observação foi realizada inicialmente seguindo um roteiro de coleta de dados básicos da escola, bem como as impressões registradas no diário de campo sobre o cotidiano escolar e sobre os sujeitos que fazem parte da escola, principalmente os estudantes.

Nas entrevistas que realizei com os estudantes, uma das primeiras perguntas que fiz foi se eles já conheciam o colégio antes de estudarem no mesmo. Alguns já o haviam visitado nos períodos de torneios esportivos, outros apenas tinham ouvido falar a respeito da escola. “E o que você ouviu?”, perguntei. As respostas foram unânimes: todos ouviram comentários negativos sobre a escola.

Eles dizem que aqui só tem malandro, gente que não quer nada da vida, que o ensino não é bom. Eles têm uma visão bem ruim da escola. Tem muito preconceito com o pessoal daqui. E eu nunca entendi o porquê. Muitas vezes, quando perguntavam onde eu estudava e eu falava que estudava aqui eles falavam 'que pena'. Me olhavam com pena ou então faziam comentário ruim sobre a escola e eu ficava sem entender, porque aqui é uma escola muito boa, sabe? Eu gostei bastante, vou sentir muita falta daqui (P1).

Eu tinha uma visão meio errada do Anastácio porque muitas pessoas falavam que aqui era uma escola totalmente sem respeito, os alunos faziam o que queriam, e eu vim pra cá com muito ressentimento porque na minha cabeça eu 'nossa, vou ser assaltada, vão levar meu celular', esse tipo de coisa (P2).

Dos alunos de fora tem muita gente que fala que a escola é uma prisão, que só tem bandido. Só que a gente chega aqui e não é assim, o pessoal é super inteligente. O pessoal da minha sala pode ser os piores, mas são super inteligentes (...). Eles [estudantes de outras escolas] ficam comentando 'ah, só quem estuda lá é bandido, olha os meninos tudo fumando'. É ruim, é ruim a gente chegar no meio do povo e o pessoal ficar falando (P3).

Um dos estudantes relatou casos de preconceito por parte de estudantes de outras escolas. "Quem não estuda [aqui] é que fala essas coisas, tipo o JM [EEM Joaquim Magalhães]. O JM fala essas coisas. Os alunos do JM quando passo com essa blusa [farda da escola] (...) ficam vaiando", P3.

Havia perguntado sobre o que os motivou a estudarem no Anastácio Braga. A proximidade com o local de moradia foi um dos pontos levantados:

"A escola] é mais próxima da minha casa. Foi o meu pai que me colocou aqui, eu não sabia em que escola eu ia estudar antes de morar aqui. Eu moro aqui no centro, então é mais perto de casa. Ou estudava aqui ou estudava na escola que tem aqui perto, o Estadual [EEM Joaquim Magalhães] (P1).

Existem, no entanto, outras motivações. O participante 5, por exemplo, queria estudar em um colégio diferente da maioria dos seus amigos. Ele disse ter facilidade de fazer amizade e gostaria de ir para um colégio onde não conhecesse boa parte da turma. A participante 2, que residia num distrito distante, quis estudar longe de onde morava: "tem outra escola lá, mas eu não queria estudar lá (...). Eu não gosto muito [do lugar onde morava] e estudar lá já é meio... eu preferi vir pra cá, inclusive eu me mudei pra cá [sede urbana] recentemente". Ouvir as motivações, as escolhas, foi importante para entender a subjetividade dos estudantes. Alguns entraram no Anastácio Braga com receio, mas em nenhuma das falas notei qualquer arrependimento. Ao contrário, os estudantes resignificaram a escola: "quando eu passei a estudar aqui eu percebi que a escola é totalmente diferente do que as pessoas falam" (P2), "o Anastácio está sendo uma das melhores experiências que eu já tive" (P1).

Uma das primeiras palavras que ouvi ao chegar na escola foi "acolhimento". "A palavra que define a escola é *acolhimento*", disse-me a supervisora naquele dia 13 de setembro quando me perguntou se eu conhecia o colégio. Um dos grandes desafios

da escola Anastácio Braga é a evasão escolar. Há estudantes que faltam bastante e a escola, sobretudo nas figuras dos diretores e diretoras de turma, faz o acompanhamento e a Busca Ativa¹ desses estudantes. Uma das professoras, inclusive, relatou a dificuldade para encontrar a casa onde um estudante morava. Por alguns dias procurou o lugar onde o estudante residia (conhecido pelos amigos somente por apelido) e ao encontrá-lo, o convencimento para que ele entregasse as atividades. Ele está hoje no 3º ano, trabalha pela manhã, almoça na escola e estuda à tarde. Tem consciência de que perdeu boa parte do ensino médio e tenta “correr atrás”. Nas palavras das professoras, é outro estudante, assíduo nas aulas, participativo, que entrega as atividades em dia.

O trabalho desenvolvido na escola, ouvi certa vez, é muitas vezes mais social do que meramente de reprodução do conteúdo didático. “Temos as metas a alcançar, mas sem esquecer o que os estudantes estão passando: depressão, automutilação”, disse a professora supervisora. A meta está inclusive em todas as salas de aula: o Índice de Desempenho do Ensino Médio (IDE-Médio) da escola está anexado próximo à lousa, identificando a média atual e a meta da escola. Há, portanto, uma ênfase no aspecto social diante da própria realidade da escola – sem esquecer, no entanto, as exigências avaliativas.

Uma dessas realidades é com relação aos estudantes que trabalham. Entrevistei dois deles, ambos do 1º ano, de turmas distintas. O Participante 4 trabalha como servente de pedreiro no turno da tarde. Sai às 11h30min da escola e chega ao trabalho às 13h20min, ficando até 17 horas. A professora supervisora havia comentado que ele é um dos mais dedicados estudantes, não atrasa as atividades, não falta aula e tira altas notas nas provas de Sociologia. De fato, nas vezes em que estive nessa turma ele estava presente e entregava as atividades propostas.

O segundo estudante trabalha na oficina de motocicleta do pai. Chega às 12 horas em casa e às 13h10min já sai para o trabalho, ficando até as 17h30min, às vezes até 18 horas. Aos sábados também trabalha até às 15 horas.

Nenhum deles relatou grandes dificuldades na conciliação entre trabalho e estudo. “Dá certo, estudo de manhã, trabalho à tarde e à noite dá pra fazer as atividades” (P4), ou “eu faço as atividades na aula mesmo, quando dá tempo. Às vezes no meio-dia eu faço também, e quando é de noite eu termino, vou dar uma volta, vou pra casa” (P5). As afirmações, no entanto, não condizem com o estado de cansaço de alguns dos estudantes que trabalham. O mesmo Participante 5, quando assisti à primeira aula na sua turma, estava dormindo em sala. Após ir ao banheiro lavar o rosto, passou a participar da aula (é um dos mais participativos e carismáticos, como ele bem disse, faz amizade fácil e não tem problemas com ninguém). A sonolência foi algo que chamou a atenção desde o início do estágio supervisionado. É comum que em todas as salas alguns estudantes estejam com a cabeça baixa e não participem da aula.

1 Estratégia desenvolvida pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) para identificar e acompanhar crianças e adolescentes que estejam fora de sala de aula ou com risco de evasão escolar. “Por meio da Busca Ativa Escolar, municípios e estados têm dados concretos que possibilitarão planejar, desenvolver e implementar políticas públicas que contribuam para a garantia de direitos de meninas e meninos”, <https://buscaativaescolar.org.br/>. Acessado em 02 janeiro de 2024.

Ao indagar a respeito dos obstáculos no processo de aprendizagem, os participantes relataram a mesma dificuldade com relação ao tempo em que estiveram distantes da escola por conta da pandemia. P1, por exemplo, veio de outro estado e lamentou não poder ter aproveitado uma escola que, segundo ele, o fez se sentir finalmente acolhido:

A maior dificuldade que eu tive em todos os anos foi a pandemia. Eu sinto que prejudicou muito a minha aprendizagem. Uma coisa que eu poderia ter aprendido mais... E esses anos não têm como recuperar, infelizmente. Eu sinto que me atrasou muito, tanto que eu não me sinto ainda muito preparado de sair do ensino médio. Mas tem que sair, né? (P1).

Esse “sentir-se preparado” tem relação também com a proximidade dos exames de acesso às universidades, o que gera inquietações e expectativas:

Quando você está no ensino fundamental você não pensa muito em faculdade, você não se preocupa tanto com emprego e tal, e a partir do momento em que você vem pro ensino médio, como eu já estou no terceiro, é tipo um choque muito grande porque você pensa ‘nossa, quando eu terminar o terceiro ano o que eu vou fazer?’, e aí fica aquele impasse de ‘nossa, o que eu vou fazer agora, qual faculdade, se vou conseguir uma boa nota no ENEM’, então você acaba tendo mais responsabilidades (P2).

Há, na escola, uma mobilização para que todos os estudantes do 3º ano inscrevam-se na prova do ENEM. Sua participação, inclusive, compõe parte da nota do último bimestre juntamente com a participação no SPAECE; o restante da nota é composto com a entrega das atividades. Nas entrevistas com os estudantes do 3º ano e do 2º ano perguntei sobre perspectivas, quais cursos escolheriam. Um dos participantes gostaria de fazer Engenharia Química, outro Psicologia, e o terceiro Medicina Veterinária. O município não possui, até então, nenhum dos cursos.

Os participantes das entrevistas fazem uma leitura das dificuldades que serão encaradas nas suas trajetórias enquanto estudantes. Um deles, por exemplo, citou o preconceito como uma possível barreira de acesso às oportunidades: “é como se as chances de tu conseguir alguma coisa fosse relacionado à tua sexualidade ou à tua identidade de gênero. Ah, porque ele é um cara hétero, branco, cis, ele vai ter mais oportunidade. Já aquele é ele é um negro, gay, não”, P3.

Questionados sobre o preconceito no próprio ambiente escolar, P3 citou alguns casos: “Tem uns carinhas que ficam ali no pátio e ficam vaiando os meninos que são homossexuais, ficam tirando onda”. Por outro lado, P1, por ser transexual, nunca passou por qualquer preconceito na escola:

Me aceitaram, falaram comigo de boa. Eu não sou muito de conversar (...). Não vi nenhum [caso de preconceito na escola], até porque eu considero o Anastácio uma escola bem diversificada, bem mais diversificada do que as outras. As pessoas aqui não têm medo de se assumirem (P1).

P2 comentou que as estudantes trans utilizam o banheiro feminino sem maiores problemas e que as discussões sobre gênero e sexualidade são, por vezes, discutidas em sala de aula: “recentemente a professora de biologia tirou algumas dúvidas e a gente comentou sobre”.

Por fim, os estudantes entrevistados relataram que não possuem tanto o hábito de saírem juntos. P3 diz que “de vez em quando a gente marca de ir na praça, sair. Eu saio mais com meus outros amigos porque aqui eu não tenho tanto amigo assim pra sair. Mas de vez em quando eles saem, quando faz trabalho também, pra a casa uns dos outros”. P1 cita o fato de alguns amigos trocarem de escola como uma interrupção dos encontros fora do ambiente escolar: “não estamos mais nos encontrando, mas antes a gente se reunia bastante nas férias, a gente saía pra conversar, ir na casa do outro, tomar um sorvete”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente cartografia buscou conhecer o cotidiano de uma escola de ensino médio regular. Acompanhando as aulas, planejamentos e a partir de conversas mantidas durante os meses do estágio supervisionado, foi possível compreender um pouco das características que fazem da EEM Anastácio Alves Braga uma escola conhecida por sua diversidade. Ao receber estudantes que não são aceitos em outras escolas, a escola assume o seu compromisso social de “conquistar” estudantes que muitas vezes estão em risco de evasão. Estudantes que trabalham no contraturno também constituem um desafio para uma escola que está adentrando no Novo Ensino Médio, com a perspectiva futura da integralização do ensino. São desafios que a escola não tem condições de resolver (envolvem decisões políticas, investimento público e assistência social a tantas famílias que se encontram num cenário de vulnerabilidade social e que necessitam de outras fontes de renda, muitas vezes informais e sem direitos trabalhistas).

Apesar de ser uma escola que “acolhe”, a EEM Anastácio Alves Braga encontra dificuldades de espaços de acolhimento. Os espaços internos de convívio são poucos, apenas o pátio anteriormente descrito, onde uma participante comentou ter acontecido momentos como karaokê, ou o auditório da escola onde ocorreu uma sessão de cinema organizada pelos próprios estudantes.

Finalizamos o estágio supervisionado cientes dos desafios de um modelo educacional em processo de mudança. São desafios pertinentes ao próprio lugar da Sociologia e das Ciências Humanas no currículo escolar: redução da quantidade de aulas, a escolha das disciplinas obrigatórias e eletivas, as mudanças no material didático, competências e habilidades, etc.

Os desafios também envolvem conhecer a realidade da escola, das famílias e dos estudantes. Observar a escola, diz Maria Socorro, “é descortinar tudo o que nela acontece e que é importante para a reflexão sobre o ensinar e aprender” (LIMA, 2002a, p. 18).

A observação resulta no diagnóstico que vá além das superficialidades, que entenda o funcionamento cotidiano da escola, os muitos personagens que atuam de forma dinâmica para que a escola funcione. O diagnóstico, portanto, “é uma análise cuidadosa, acompanhada de estudos, entrevistas, observações para que possamos compreender a vida da escola, seus problemas e perspectivas” (LIMA, 2002b, 24). A cartografia aqui presente esforçou-se no esboço de um relatório que contemplasse diferentes dimensões da escola: desde a sala de aula, seu aspecto físico, seu ordenamento cotidiano; passando pelos estudantes e suas subjetividades; a relação estabelecida na apresentação da disciplina de Sociologia; até aspectos relacionados ao entendimento mais abrangente da escola, passando pela secretaria e coordenação. O diagnóstico, portanto, foi realizado com o esforço de se ter uma visão em conjunto da escola.

Pimenta (2011, p. 37) alerta para os perigos de se reduzir a prática pedagógica ao conhecimento de técnicas e habilidades específicas. É possível que determinadas “soluções” técnicas sejam utilizadas em sala de aula, mas a complexidade do processo educativo envolve o imprevisto, a criação de novas técnicas e o conhecimento da própria realidade escolar. Mais do que um entendimento “conteudista” ou a redução da prática pedagógica a uma técnica de aprendizagem a respeito de determinado tópico, faz-se necessário dialogar em torno dessas existências que encontram na escola a possibilidade da transformação de suas vidas. É nesse sentido que as professoras afirmam que “temos as metas a alcançar, mas sem esquecer o que os estudantes estão passando”. Cabe à escola, portanto, assumir o seu papel e sua importância na transformação da vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, André Carlos. *Escola e comunidade: um estudo sobre a participação das famílias na Escola de Ensino Fundamental e Médio Anastácio Alves Braga, Itapipoca, Ceará*. Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Juiz de Fora: 2020.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Em Tese*, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, v. 7, p. 66-77, 2014.

DAYRREL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, v. 1.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, 2008.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In **Mana. Estudos de antropologia social**. Rio de Janeiro, Museu Nacional, v.3, n.1, abril de 1997, pp. 7-40.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Entre o escrito e o vivido. In: ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de et al. *Dialogando com a escola: reflexões do estágio e ação docente nos cursos de formação de professores*. Fortaleza: Edições Demócrito rocha, 2002a.

_____. Uma grande caminhada começa com o primeiro passo – o diagnóstico da escola. In: ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de et al. *Dialogando com a escola: reflexões do estágio e ação docente nos cursos de formação de professores*. Fortaleza: Edições Demócrito rocha, 2002b.

MESQUITA, José Rinardo Alves. *Corpo e ancestralidade em danças negras brasileiras contemporâneas: processos de pertencimento afro no ponto de cultura galpão da cena- Itapipoca-Ce*. Dissertação (Mestrado em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis – MASTS). Instituto de Engenharias e Desenvolvimento Sustentável, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Redenção-Ceará, 195p. 2018.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2011.

LEI DOS POUÇOS VITAIS APLICADA NO SISTEMA COOPERATIVISTA DE CRÉDITO: UMA ANÁLISE NOS PONTOS DE ATENDIMENTOS - PA'S

Data de aceite: 01/03/2024

Cleydner Marques de Magalhães Maurício

Economista, Mestre em Administração.
Prof. Universidade Federal de Alagoas
-UFAL. Doutorando do SOTEP/Alfya –
UNIMA.

Marcos Antônio Moreira Calheiros

Economista, Especialista. Presidente do
Conselho Regional de Economia – 12^a
Região –Al

José Alex Tenório da Costa

conomista, Especialista. Presidente do
Sindicato dos Economistas de Alagoas

Ivaldo Pinto Barros

Economista, Conselheiro da 12^a Região –
CORECON –AL

RESUMO: Este artigo aborda a Lei dos Poucos Vitais, também conhecida como Pareto 80/20 como estratégia a ser utilizada para alavancar resultados da cooperativa de crédito. Buscou-se reunir dados dos Pontos de Atendimento - PA de uma Singular do Cooperativismo de Crédito no Brasil, com o propósito de responder ao problema central da pesquisa: aplicabilidade da regra de Pareto, como estratégia de desenvolvimento

dos PA's. O método utilizado foi o de revisão bibliográfica, acrescido de um estudo de caso. Com base na revisão bibliográfica e no caso apresentado, a pesquisa possibilitou a constatação da Lei dos Poucos Vitais. Pelos resultados obtidos, pode-se dizer que é possível criar um grupo de trabalho para o desenvolvimento de ações efetivas, objetivando a melhoria dos resultados de alguns Pontos de Atendimento, uma vez que 60% dos resultados são gerados por 25% dos Pontos de Atendimento.

PALAVRAS-CHAVE: Lei dos Poucos Vitais, Estratégias, Pareto 80/20, Cooperativas.

ABSTRACT: This article addresses the law of the few vital, also known as Pareto 80/20 as a strategy to be used to leverage credit cooperative results. It was sought to gather data from the points of care - PA of a singular credit cooperativism in Brazil, with the purpose of responding to the central research problem: applicability of the Pareto Rule, as a PA's development strategy. The method used was the bibliographic review, plus a case study. Based on the bibliographic review and in the case presented, the research made it possible to find the law of the few vital. From the results obtained, it can be said that it is possible to create a

working group for the development of effective actions, aiming to improve the results of some care points, since 60% of the results are generated by 25% of service points.

KEYWORDS: Law of the few vital, strategies, 80/20, cooperatives

INTRODUÇÃO

As cooperativas de créditos são instituições financeiras formadas pela livre associação de pessoas, que denominamos cooperados. Como toda organização empresarial as cooperativas de crédito devem ter mecanismos de gestão que sejam simples e compatíveis com os princípios do cooperativismo, bem como atendam as exigências regulatórias do Banco Central.

Neste contexto, o trabalho originou-se da necessidade de construir um modelo de análise e ação, capaz de atender aos objetivos de crescimento e igualdade do sistema cooperativista. Por isso, foi aplicado a Lei dos Poucos Vitais no conjunto de dados de três componentes do balanço patrimonial dos Postos de Atendimentos – PA's de uma cooperativa de crédito.

As informações sobre a identidade da cooperativa e os PA's foram protegidas para que não possam ser usadas em detrimento da empresa. Assim sendo, por questões de sigilo e confidencialidade, os resultados expressos desses componentes foram multiplicados ou divididos por um número “*n*” qualquer, o que não afetou a análise dos dados.

Como recorte temporal ano de 2019 e espacial uma cooperativa Singular (ou cooperativa de 1º grau) e os PA'S, da respectiva cooperativa estudada. A escolha do ano foi retratar o período sem influência do impacto da COVID-19.

Diante dos aspectos abordados acima, o presente estudo parte da pergunta norteadora: Como aplicar a Lei dos Poucos Vitais como estratégia de análise dos Pontos de Atendimentos da Cooperativa de Crédito? Portanto, o objetivo deste estudo é analisar a relevância da Lei como instrumento para promover o desenvolvimento da cooperativa de crédito. Com isso é importante abordar aspectos da literatura temática.

A cooperativa é uma organização civil que, pela sua natureza é uma associação de pessoas, sem fins lucrativos que atua como empresa. Conforme ressalta Bialoskorski Neto (2012) deve-se “[...] considerar o fato de que a cooperativa é uma organização sem fins lucrativos, e que, portanto, há uma lógica econômica diferente em seu funcionamento”. Com isso percebemos que o diferencial do cooperativismo está na prestação de serviços e benefícios aos seus cooperados. Pelo capital, entendemos que, ele não tem peso no processo decisório, o que importa são as pessoas, por isso, na decisão cada cooperado tem direito a um voto, independente do seu capital. O aporte do capital, por meio das quotas-partes, estimula a cooperação dos associados nos investimentos da sua empresa.

Sabendo que o associado tem conduta racional, Zdanowicz (2014) afirma que ao investir na cooperativa, o cooperado espera receber, após algum tempo, um retorno

satisfatório, em termos de Sobras (nas empresas é chamado de lucro). Nesse caso, o investimento se concretiza caso exista a possibilidade de rentabilidade, de preferência, acima das taxas de remuneração do mercado financeiro.

Muito se tem estudado sobre o papel que o cooperativismo tem proporcionado para as sociedades, sendo transformador nas vidas das pessoas. O cooperativismo é um modo de produção e organização, que representa possibilidades de trabalho e renda. (FIORINI; ZAMPAR, 2015). Então, a utilização da estratégia de Benchmarking, vem a colaborar com 5º Princípio do cooperativismo, que é: Educação, treinamento e informação.

Segundo Stapenhurst (2009) para que exista o benchmarking - instrumento para medir e melhorar a empresa, comparando-a com a melhor prática de mercado ou do seguimento setor, é necessário atender a dois importantes elementos. O primeiro, comparar a *performance* e determinar a diferença entre a “nossa empresa” e a “melhor empresa”. O segundo fator é avaliar como as empresas de melhores resultados atingiram desempenhos superiores, para que passarmos adotar as suas práticas, adaptando a nossa realidade.

Para Boxwell (1994) e Camp (2007), o benchmarking é um tipo de pesquisa que permite efetuar comparações de procedimentos e práticas entre empresas, com o objetivo de efetuar melhorias e alavancar vantagem competitiva. O objetivo é identificar os fatores que justificam o sucesso de uma empresa, de filiais, de agencias etc.

Como o mercado é bastante competitivo, cabe aos gestores das empresas, não medirem esforços para atingirem as melhorias de sua azienda, com estratégias de atuação que sejam replicáveis ao contexto em que estão atuando. No dizer de Kao et al (2008), a competitividade está associada à avaliação da parcela de mercado que uma determinada empresa detém, ou ainda pelo lucro, que no caso do cooperativismo são as Sobras.

A capacidade de uma empresa sobreviver e ter vantagem competitiva nos mercados mundiais depende de diversos fatores. Entre eles destacamos a análise dos elementos que compõem o balanço patrimonial. Sobre esse aspecto, Gitman (1997), afirma que para comparar a *performance* de uma empresa com a de outra, ou consigo mesma, ao longo do tempo, deve-se utilizar uma análise, por meio de índices que demonstrem a situação e o desempenho da empresa, seja ela cooperativa ou não.

Por isso, a análise dos indicadores deve ser entendida como uma ferramenta para auxiliar as decisões, sendo um instrumento, se bem utilizado, de alavancagem da empresa. Conforme Kaplan e Norton (1997), caso o desempenho de uma organização não esteja sendo acompanhado, a empresa não estará sendo gerenciada. Para que a firma possa prosperar, deve utilizar um sistema de gestão e de medição de desempenho, conforme suas estratégias.

Sabe-se que por estratégias temos vários conceitos e definições. Dentre os vários autores que tratam do tema, destacamos o pensamento de Oliveira. Segundo Oliveira (2004) que define estratégia como “... um caminho, ou maneira, ou ação formulada e adequada para alcançar, preferencialmente, de maneira diferenciada, os desafios e

objetivos estabelecidos, no melhor posicionamento da empresa perante seu ambiente”. Já Porter (1996), diz que “estratégia é a criação de uma posição única e valiosa, envolvendo um conjunto diferente de atividades”.

Ainda sobre estratégia, Barney & Hesterly (2007, p. 5) afirmam:

A estratégia de uma empresa é definida como sua teoria de como obter vantagens competitivas. Uma boa estratégia é aquela que realmente gera tais vantagens. (...) Quanto mais acuradas forem às suposições e hipóteses em refletir como a competição no setor realmente evolui, maior a probabilidade de que uma empresa obtenha vantagens competitivas com a implementação de suas estratégias.

De acordo com Besanko (2012), a utilização da estratégia é fundamental para o sucesso de uma empresa, que além de proveitoso é também estimulante. Ele ainda reforça que gerenciar e implementar uma decisão estratégica ou uma mudança na natureza da empresa é fundamental para o sucesso.

Em se tratando de ações estratégicas, propomos a utilização da Lei dos Poucos Vitais, também conhecida como Princípio de Pareto 80/20, para ser aplicada na cooperativa de crédito singular, em relação aos seus Postos de Atendimento – PA's. Essa ferramenta pode ser utilizada nos mais diversos ambientes corporativos e estima-se a tendência de que 80% dos efeitos surgem de apenas 20% das causas.

Koch (2016) explica que 80/20 não deve ser entendida como uma fórmula fixa, engessada. Não será sempre nestes valores, que os 20% das causas, estejam influenciadas, pelos exatos 80% dos resultados. Essa proporção pode variar de caso a caso. As proporções podem diferenciar dos 80/20, podendo ter uma proporção de 70 para 30, 60 para 40, ou até mesmo 99 para 1, afirma Koch (2016).

Diante destas perspectivas, o estudo visa aplicar o Princípio de Pareto 80/20 como estratégia de desenvolvimento para a cooperativa de crédito. Antes de comentarmos sobre o Princípio da Pareto, vale ressaltar que Wilfried Fritz Pareto foi o criador do Diagrama de Pareto. Entre 1864 e 1867, Pareto cursou ciências matemáticas no Instituto Politécnico de Turim. Na mesma escola, ingressou no curso de engenharia em 1867 e obteve sua titulação em 1870. (PARETO, 1984). Pesquisou sobre questões ligadas a distribuição de renda. Com isso, demonstrou que na Itália a renda e riqueza não eram distribuídas de maneira uniforme ao longo da evolução das sociedades, chamada Lei de Pareto. (MACHADO, 2012).

A Lei dos Poucos Vitais também afirma que, quando conhecemos a verdadeira relação, é bem provável que nos surpreendamos com o grau de desequilíbrio. Qualquer que seja o nível da desigualdade, a maior chance é que exceda nossa expectativa inicial. Os executivos podem suspeitar que alguns clientes e que alguns produtos são mais lucrativos do que outros, mas quando o tamanho da diferença é constado, é muito possível que se sintam surpresos e até espantados (KOCH, 2016).

Pelo exposto, demonstra-se que esse estudo é importante para criar relações significativas entre causa e efeito, esforço e recompensa. Nos negócios, os recursos podem ser gerenciados de forma mais inteligente, concentrando maiores estudos no grupo dos 20% responsáveis pelos 80% de resultados, e aplicando os melhores procedimentos – benchmarking, nos outros Pontos de Atendimento menos eficientes. A aplicabilidade da Lei dos Poucos Vitais aos resultados dos PA's pode fazer com que o crescimento da cooperativa singular seja satisfatório com os propósitos dos cooperados.

Nos parágrafos anteriores compreendemos a importância do Benchmarking, como elemento identificador das melhores práticas e resultados, por meio do qual utilizaremos o a Lei dos Poucos Vitais como estratégia de avaliação dos indicadores financeiros na tomada de decisão das organizações cooperativistas.

Este artigo está organizado em três seções, sendo a primeira introdutória, que contextualiza o problema e revisa a literatura pertinente ao estudo. Na seção seguinte, apresenta-se a metodologia adotada para atendimento do objetivo proposto. Na terceira seção, os resultados e as discussões. Por fim, na seção 4, encerrando o artigo, são apresentadas as conclusões.

METODOLOGIA

Para atingir o objetivo desse estudo, a pesquisa trabalhada é de abordagem quantitativa, caráter exploratório-descritivo, com a utilização de dados secundários.

A finalidade da pesquisa que, além de obter maiores informações sobre o assunto e possibilitar novos estudos, é aplicar a Lei dos Poucos Vitais (Princípio de Pareto) para análise dos indicadores operacionais dos Pontos de Atendimento – PA, de uma cooperativa Singular, também denominada de Cooperativa de 1º Grau.

As informações foram obtidas junto a uma Singular do Nordeste. Efetuamos à análise de três componentes do balanço patrimonial dos Pontos de Atendimentos – PA's dessa Singular. Por questões de sigilo e confidencialidade, os resultados expressos desses componentes foram multiplicados e/ou divididos por um número “n” qualquer, o que não afetou a análise relativa dos dados. Além disso, não divulgamos qual foi à cooperativa pesquisada e nem os nomes dos PA's.

A escolha do ano foi em função de retratar o período sem influência do impacto da COVID-19, portanto o exercício de 2019. Para a realização do estudo, utilizou-se a estratégia de pesquisa documental. Com base nos dados obtidos na pesquisa, pretende-se – a partir da construção do Princípio de Pareto - mensurar e avaliar a evolução de cada Ponto de Atendimento, procurando, por meio dessa análise, empregar os melhores procedimentos operacionais dos PA's mais significativos, em termos de resultados.

Os componentes do Balanço Patrimonial selecionados para análise dessa pesquisa foram:

- Ativo total;
- Sobras;
- Depósitos totais.

Os procedimentos adotados para agrupar os dados do Balanço Patrimonial, correspondente às análises acima descritas seguiram as etapas:

Elaboração de tabela com 5 (cinco) colunas, contendo em cada coluna as seguintes denominações: Nome do PA (Designado por uma letra “x” para manter o anonimato), Valor do ativo, Valor acumulado do ativo, (esses valores foram multiplicados e ou divididos por um número “x” qualquer, para manter o sigilo das informações), Percentual individual, Percentual acumulado.

Registro dos valores do ativo total de cada Ponto de Atendimento, integrante de uma Singular, em ordem decrescente, isto é, do maior valor para o menor valor;

Registro dos valores do ativo total acumulado;

Registro dos valores relativos (percentual individual de participação) por cooperativa;

Registro dos valores relativos (percentual acumulado);

Após a construção da tabela, foi utilizado como critério o percentual de 25% do total dos Pontos de Atendimento – PA’s da cooperativa em estudo, o que corresponde a 2 (dois) PA’s com maior volume no ativo total. Esses dois PA’s com maior participação, em torno de 60%, demonstram que os 2 (dois) PA’s geram 60% do resultado, enquanto 6 (seis) participam com 40% desse resultado. O mesmo procedimento foi realizado para os itens: Sobras e Depósitos totais, cujos resultados se assemelham ao encontrado no item ativo total.

RESULTADOS E DISCURSÕES

Os resultados das participações dos Pontos de Atendimentos da Singular estudada no tocante ao item Ativo Total estão apresentados no Quadro 1. Nele pode-se constatar que dois PA’s são responsáveis por aproximadamente 60% dos ativos totais. E que 39,4% do ativo total, pertence a 6 (seis) pontos de atendimentos. Dessa forma, foi constatado que 25% dos pontos de atendimento, são responsáveis por 60,6% do ativo da cooperativa, enquanto 75% dos PA’s respondem por menos de 40%.

Ponto	Ativo total	Ativo acumulado	Percentual individual	Percentual acumulado
A	69.322.216,50	69.322.216,50	40,5%	40,5%
C	34.309.753,50	103.631.970,00	20,0%	60,6%
B	23.097.136,50	126.729.106,50	13,5%	74,1%
E	17.934.529,50	144.663.636,00	10,5%	84,5%
D	11.030.224,50	155.693.860,50	6,4%	91,0%
F	10.545.073,50	166.238.934,00	6,2%	97,1%
G	4.799.418,00	171.038.352,00	2,8%	99,9%
H	90.184,50	171.128.536,50	0,1%	100,0%

Quadro 1 – Participação no Ativo Total

Fonte: Adaptação dos autores com base nos dados do balanço patrimonial

Dessa forma, os dois PA's, aqui denominados de "A" e "C", acumulam recursos financeiros e bens que a cooperativa utiliza para suas operações em um montante bastante significativo. Observou-se que esses dois PA's são vitais para a concessão de crédito, instrumento crucial no atendimento das necessidades financeiras dos membros da cooperativa. Também é responsável por fomentar o crescimento econômico da comunidade.

Conforme demonstrado no quadro 2, outro item analisado foi o depósito total. Esse é imprescindível a qualquer instituição financeira. Por meio do depósito é possível atender aos clientes e ou cooperados emprestando recursos e ou financiando bens. Por meio dos depósitos a instituição gera receitas oriundas do *spread*, proporcionando sobras para o cooperativismo de crédito. Nesse caso, foi verificado que 61,7% desses depósitos são provenientes de 2 (dois) PA's e 38,3% gerados pelos outros 6 (seis) PA's.

Ponto	Depósito	Depósito acumulado	Percentual individual	Percentual acumulado
A	70.383.715,50	70.383.715,50	43,3%	43,3%
E	29.990.118,00	100.373.833,50	18,4%	61,7%
D	25.739.779,50	126.113.613,00	15,8%	77,6%
F	13.515.157,50	139.628.770,50	8,3%	85,9%
B	10.467.588,00	150.096.358,50	6,4%	92,3%
C	9.769.120,50	159.865.479,00	6,0%	98,3%
G	2.545.399,50	162.410.878,50	1,6%	99,9%
H	198.423,00	162.609.301,50	0,1%	100,0%

Quadro 2 – Participação no Depósito Total

Fonte: Adaptação dos autores com base nos dados do balanço patrimonial

Em relação aos resultados apresentados no gráfico 1, percebe-se que a acumulação de depósitos totais em apenas 25% dos PA's, representados pelos PA's "A" e "E". Enquanto os 75% dos PA's detêm menos de 40% do total da Singular.

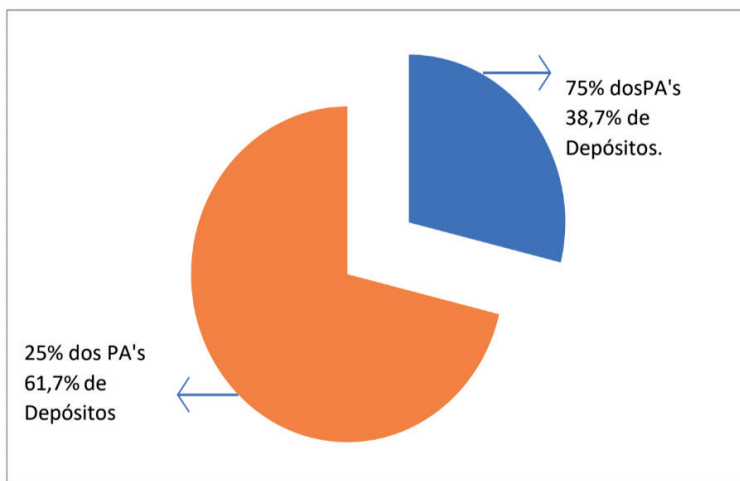


Gráfico 1 – Representatividade nos Depósitos Totais

Fonte: Adaptação dos autores com base nos dados do balanço patrimonial

Após as análises de participações dos PA's nos Ativos e no Depósito total da Singular, sabe-se que para as Sobras, conforme quadro 3, os PA's "A" e "B" apresentaram R\$ 1.428.055,50 a mais que o total das Sobras de toda Singular, isto é, esses dois Postos geraram R\$ 5.266.213,50, enquanto a Singular apresentou de Sobras a importância de R\$ 3.838.158,00.

Dessa forma, esse valor a maior de R\$ 1.428.055,50, foi utilizado para cobrir resultados não satisfatórios gerados pelos outros 6 (seis) PA's, aqui denominados de H, D, F, G. Os PA's "E" e "C" também foram importantes para incrementar as Sobras.

Caso a cooperativa Singular não tivesse esses outros 6 PA's seu resultado seria superior a atual, *coeteres paribus*.

Ponto	Sobras/Perdas	Resultado acumulado	Percentual individual	Percentual acumulado
A	4.216.095,00	4.216.095,00	109,8%	109,8%
B	1.050.118,50	5.266.213,50	27,4%	137,2%
E	550.300,50	5.816.514,00	14,3%	151,5%
C	524.269,50	6.340.783,50	13,7%	165,2%
H	- 130.864,50	6.209.919,00	-3,4%	161,8%
D	- 513.441,00	5.696.478,00	-13,4%	148,4%
F	- 668.256,00	5.028.222,00	-17,4%	131,0%
G	- 1.190.064,00	3.838.158,00	-31,0%	100,0%

Quadro 3 – Resultado das Sobras/Perdas

Fonte: Adaptação dos autores com base nos dados do balanço patrimonial

Por fim, quando apresentamos os resultados partindo das maiores perdas para as maiores sobras, Quadro 4, verifica-se que, juntos, os PA's G e F geraram R\$ 1.858.320,00 de Perdas. Isso representa, em termos percentuais, aproximadamente 48% do resultado da Singular. O total proporcionado pela Singular foi de Sobras foi R\$ 3.838.158,00. Entretanto os PA's: G, F, D, H apresentaram Perdas acumuladas de R\$ 2.502.625,50, que corresponde a 65% do total das Sobras da Singular.

Portanto, os Pontos de Atendimentos G, F, D e H merecem um tratamento administrativo preferencial, em face dos demais, no que diz respeito à aplicação de estratégias que revertam a situação de Perdas. Embora, os PA's G e F apresentem quase que 50% dessa participação, esses dois PA's representam apenas 25% dos Pontos de Atendimento dessa Singular, razões para acreditarmos que é fundamental esse controle.

Ponto	Sobras/Perdas	Resultado Acumulado	Percentual acumulado
G	- 1.190.064,00	- 1.190.064,00	-31,0%
F	- 668.256,00	- 1.858.320,00	-48,4%
D	- 513.441,00	- 2.371.761,00	-61,8%
H	- 130.864,50	- 2.502.625,50	-65,2%
C	524.269,50	- 1.978.356,00	-51,5%
E	550.300,50	- 1.428.055,50	-37,2%
B	1.050.118,50	- 377.937,00	-9,8%
A	4.216.095,00	3.838.158,00	100,0%

Quadro 4 – De Perdas a Sobras

Fonte: Adaptação dos autores com base nos dados do balanço patrimonial

CONCLUSÕES

O trabalho retrata a possibilidade de utilizar a Lei dos Poucos Vitais, também conhecida como Princípio de Pareto 80/20 como estratégia de alavancagem nos negócios das cooperativas de crédito, por meio da avaliação do desempenho dos Postos de Atendimento – PA's.

Diante do exposto, pretendeu-se responder a seguinte pergunta: Como aplicar a Lei dos Poucos Vitais como estratégia de análise dos Pontos de Atendimentos da Cooperativa de Crédito? A justificativa da escolha dessa pergunta consiste na importância em buscar instrumentos que ajudem ao gestor nas estratégias de desempenho da cooperativa de crédito.

Como argumento básico verificamos o emprego da Lei dos Poucos Vitais, regra 80/20, em várias relações de causa e efeito que servem como norteadores de estratégias para cooperativa. Centrados neste princípio, o estudo revelou que em média 25% dos Postos de Atendimento – PA's são responsáveis por 60% dos resultados no Ativo total, Depósitos e Sobras. Essas descobertas possibilitam o suporte prático para a melhoria no resultado e na gestão da cooperativa de crédito, corroborando com a aplicabilidade do Princípio de Pareto na análise de desempenho.

A Lei dos Poucos Vitais - LPV não sugere que os 75% restantes possam ser simplesmente ignorados – eles devem ser trabalhados, por meio de uma equipe de Ação/ Controle, especializada em resultados, para que se possa desenvolver estratégias que proporcionem resultados mais equitativos para o sistema cooperativista.

A partir da LPV podemos não só identificar estratégia para alavancar resultados operacionais na cooperativa, mas conhecer a participação do Posto de Atendimento no desempenho geral da Singular. Com isso, é possível desenvolver ações para incentivar e motivar outros colegas, criar grupos de controle e ação e diminuir as disparidades dos resultados entre os PA's, o que proporcionará ganhos significativos para a Singular detentora dos Pontos de Atendimento.

Considerando os resultados aqui encontrados, observa-se com base na literatura que é possível utilizar a Lei dos Poucos Vitais como estratégia para a gestão da cooperativa de crédito, com base no desempenho de seus Pontos de Atendimento.

Ademais, dentre as limitações do presente trabalho, pode-se citar alguns itens do Balanço Patrimonial que não foram analisados. Também, é possível citar a análise em apenas uma Singular e em um único exercício. Trabalhos futuros podem verificar se tal fato repete-se com uma maior amostra, tanto em um marco temporal maior como em uma maior quantidade de cooperativas.

REFERÊNCIAS

BARNEY, Jay B.; HESTERLEY, W. S. **Administração estratégica e vantagem competitiva**, São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BESANKO, David *et al.* **A Economia da Estratégia**. Tradução: Christiane de Brito. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

BIALOSKORSKI Neto, S. **Economia e Gestão de Organizações Cooperativas**. 2ª ed. São Paulo: Atlas.2012

BOXWELL, R. J. **Benchmarking for competitive advantage**. New York: McGraw-Hill, 1994.

CAMP, R. C. **Benchmarking: the search for industry best practices that lead to superior performance**. University Park, Il: Productivity Press, 2007.

FIORINI, Carlos Gustavo; ZAMPAR, Antônio Carlos. **Cooperativismo e Empreendedorismo**. São Paulo: Editora Pandorga, 2015.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 7ª. ed. São Paulo: HARBRA Ltda., 1997. 841 p.

KAO, C.; HONG, S. W.; ROH, J. J.; Park, K. **Measuring the national competitiveness of southeast asian countries**. European journal of operational research, jun. 2008. v. 187, n. 2, p. 613–628.

KAPLAN, R., S. & Norton, D. P. **A estratégia em Ação: Balanced scorecard**. Rio de Janeiro: Campus. 1997

KOCH, Richard. **A revolução 80/20: O poder da escolha: menos trabalho, menos preocupação, mais sucesso, mais diversão**. Tradução de Cristina Sant'anna. Belo Horizonte: Gutenberg, 2016.

MACHADO, Simone. **Gestão da Qualidade**. Inhumas/GO: e-Tec Brasil, 2012.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento Estratégico: conceitos, metodologia, práticas**. São Paulo: Atlas. 2004.

PARETO, Vilfred. **Manual de Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural: Coleção Os Economistas. 1984.

PORTER, Michael. **What is Strategy?** Harvard Business Review, Vol74, No 6, Nov-Dez 1996a, p.61-79.

STAPENHURST, T. **The benchmarking book a how-to-guide to best practice for managers and practitioners**. Amsterdam; Boston: Elsevier/Butterworth-Heinemann, 2009.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Gestão financeira para cooperativas: enfoques contábil e gerencial**. São Paulo, Atlas, 2014.

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO: Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior -UNIFIMES - Pós-Doutor pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra - FPCE-UC Portugal (Área de concentração: Educação Superior e Políticas Educacionais), Professor Investigador - 2014-2016 -, supervisionado pela Dra. Teresa Pessoa; Pós-Doutor - pelo Instituto Politécnico da Escola Superior de Educação de Coimbra - IP-ESEC-Portugal (Área de concentração: Formação de Professores, Identidade e Gênero) Professor Investigador - 2017- 2021 -, supervisionado pela Dra. Filomena Teixeira. Doutor em Ensino (Educação Matemática e Tecnologia) -, (Área de concentração: Alfabetização Científica e Tecnológica) pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES, 2018-2022), Doutor em Ciências da Religião (Área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade, na linha: Religião e Movimentos Sociais) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - (PUC-Goiás, 2010 - 2014) e Doutor em Educação (Área de concentração: Estudos Culturais, na linha: Currículo, ciências e tecnologias) pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2020-2023). Mestre em Teologia: Educação Comunitária, Infância e Juventude (EST/UFRGS, 2008) e Mestre em Ciências da Educação (UEP, 2009). Possui formação multidisciplinar com graduação em: Ciências Sociais (Faculdade Única), Filosofia (FBB), Matemática (UEG) e Pedagogia (ICSH). Especialista em - Gestão de Sala de Aula no Ensino Superior (UNIFIMES), Docência do Ensino Superior (UCAM) e em Matemática (ICSH). Atualmente é Professor Titular C-II da Fundação Municipal Integrada de Ensino Superior (FIMES/UNIFIMES, 2014-) onde atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de graduação e pós-graduação, vinculado a Unidade Básica das Humanidades e Professor (P-IV Padrão E) da Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEDUC, 1999 -) atuando no componente curricular de Matemática. Atua também como docente permanente nos seguintes programas Stricto Sensu: Programa de Pós-Graduação em Educação da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba), na Linha 1, formação docente e diversidade (cooperação técnica), Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas (PPGEDU-FACMAIS), Linha 1 Educação, Instituições e Políticas Educacionais (EIPE) e, do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (Colaboração Técnica), na linha 2 Novas Formas de subjetivação e organização comunitária. Orientou: 1 tese de doutorado, 15 dissertações de mestrado, 20 trabalhos de conclusão de curso de especialização, 113 trabalhos de conclusão de curso de graduação e 9 trabalhos de iniciação científica. Atualmente orienta: 8 dissertações de mestrado, 1 trabalho de conclusão de curso, 1 projeto de iniciação científica e supervisiona 1 projeto de pós-doutorado. Coordena o Grupo de Pesquisa (NEPEM); Colíder do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias Sociais e Desenvolvimento no Interior do Amazonas (IFAM). Associado à ANPED/Nacional. Associado à APEDUC -

Associação Portuguesa para o Ensino das Ciências. Membro da Comissão Editorial da Revista Científica da Educação da FACMAIS (2020 -); Membro do comitê científico da Editora Atena (2019 -) e da editora Publishing (2020-); Editor-chefe da revista científica Novas Configurações Diálogos Plural (2020-). Avaliador do Guia da Faculdade (2020-). Tem experiência na área da Educação atuando no eixo da Diversidade. Atualmente interessa-me pesquisa em dois blocos temáticos: I PROCESSOS EDUCATIVOS: Formação de Professores, Políticas Educacionais, Currículo, Desenvolvimento Profissional, Ensino e Tecnologia; II DIVERSIDADE: Estudos Culturais, Identidade, Representação, Gênero, Violência, Negritude, juventude, Religiosidade e Cultura. (Países em que esteve presente para atividades acadêmicas e técnicas e/ou manteve vínculos em trabalhos científicos: (Argentina, Alemanha, Colômbia, Cuba, Espanha, Itália, Panamá, Paraguai, Portugal, México, Moçambique e Uruguai).

ELISÂNGELA MAURA CATARINO: Pós-doutorado em Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra - ESEC/PT (2017-2019) sob a orientação da Dra. Fátima Neves. Doutoranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (2020-). Doutora em Ciências da Religião pela PUC-GO (2005 - CAPES 5) na Linha de Pesquisa Religião e Movimentos Sociais. Mestra em Teologia com especialização em Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS (2010 - Conceito 5 CAPES). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira (2007) e Docência do Ensino Superior pela FAMATEC (2012). Licenciada em Língua Portuguesa e inglesa e suas respectivas licenciaturas, pela Universidade Estadual de Goiás (2004) e Licenciada em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas - ICSH (2003). É servidora pública da Secretaria Estadual de Educação de Goiás - SEDUCE (1999 - Professora P-IV) e da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (2015 - Professora Titular - CII), onde atua como professora na Pós-graduação e nos Cursos de Medicina Veterinária, Engenharia, Pedagogia, Educação Física e Psicologia. Colíder do Grupo de Pesquisa Psicologia, Processos Educativos e Inclusão da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Pesquisadora no Grupo de Pesquisa NEPEM/UNIFIMES/CNPq. Professora colaboradora no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social - MPIES da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente trabalha com as seguintes temáticas: Literatura. Linguagem. Educação e Diversidade e Educação Especial com foco nos surdos.

LUCINEIDE MARIA DE LIMA PESSONI: Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2017) sob a orientação do Professor Dr. José Carlos Libâneo. Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2008), com a orientação do prof. Dr. José Carlos Libâneo. Especialização em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (1996).

Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1989). Professora efetiva da Secretaria de Estado da Educação Cultura e Esporte do Estado de Goiás, atuando na Educação básica desde 1989, como professora, coordenadora e Diretora de Escola por 6 anos. Professora na Universidade Estadual de Goiás por 12 anos onde exerceu também as funções de coordenadora adjunta de Estágio Supervisionado e Coordenadora de Extensão e Pesquisa. Atualmente é Coordenadora do curso de Pedagogia na Faculdade de Inhumas FacMais. Professora titular no Programa de Pós Graduação-Mestrado em Educação da Faculdade de Inhumas-FacMais. Membro da comissão de avaliação do Conselho Estadual de Educação do Estado de Goiás. Vinculada ao grupo de pesquisa Teorias e Processos Pedagógicos cadastrado no CNPQ, sob a coordenação do Prof. Dr. Jose Carlos Libâneo (PUC GO). Pesquisadora da Área de Políticas Educacionais e Teorias e Processos Pedagógicos.

A

Antropologia 1, 2, 6, 7, 8, 20, 22, 24, 25, 27, 42

C

Cartografia social 29, 30

Conhecimento 1, 2, 28, 41

Cooperativas 43, 44, 52, 53

E

Educação científica 20

Ensino médio integrado 20, 21, 25, 28

Estágio supervisionado 29, 34, 38, 40, 56

Estratégias 43, 45, 46, 51, 52

Ética 9, 17, 18

F

Filosofia 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 19, 23, 26, 54, 55

I

Iniciação científica 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 54

L

Lei dos Poucos Vitais 43, 44, 46, 47, 52

M

Moral 6, 9, 17, 31

P

Pareto 80/20 43, 46, 52

Pesquisa de campo 20, 24, 25, 31

S

Sociologia 1, 2, 3, 7, 8, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 38, 40, 41





T

Tecnologias 23, 42, 54

REFLEXÕES sobre a SOCIEDADE HUMANA:

Perspectiva Filosófica e Sociológica





2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

REFLEXÕES sobre a
SOCIEDADE
HUMANA:

Perspectiva Filosófica e Sociológica

2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br